



Classificação Final dos Contos

1° lugar: O Ouro Perdido

Autor: Carlos Henrique do N. Barros

2° lugar: Arqueologia da Alma

Autor: Alexandre da Costa Leite

3° lugar: A Verdade Não Tem Fim

Autor: Carlos Gastão Tassano Neto

4° lugar: Sede

Autor: Daniel de Lima Fraiha

5° lugar: Sobre Batons e Ruínas

Autor: Tarsila de Carvalho Fonseca

6° lugar: Linha Tracejada

Autor: Sonia Cristina de A. Pestana

7° lugar: Os Deuses Invadem a Terra

Autor: Jober Rocha

8° lugar: Um Portal para o Passado.

Mistério no Parque

Autor: Aloysio Clemente Maria Infante de Jesus Breves Beiler

9° lugar: Ruínas das Águas

Autor: Hector Lumen

10° lugar: Eu Odeio Getúlio

Autor: Maurício Matos Cunha



CONTOS DE SÃO JOÃO MARCOS

Editora Cidade Viva Rio de Janeiro 2014 Copyright © 2014 Editora Cidade Viva Instituto Cultural Cidade Viva

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos de São João Marcos. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Editora Cidade Viva, 2014

Realização: Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos

1. Contos brasileiros - Coletâneas.

ISBN 978-85-63437-15-0

14-11081 CDD-869. 9308

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira 869.9308

Contos que eternizam

A cultura não morre nunca, é enterrada viva. À medida que avançamos no trabalho de arqueologia em São João Marcos, as ruínas aparecem, dialogam entre si e com a natureza, e começam a contar suas histórias. Os antigos moradores se emocionam e por sua vez desenterram suas lembranças, que conversam com outros personagens, de pai para filho, de filho para neto...

As pessoas que visitam o lugar sentem esta história viva, que provoca a reflexão sobre "Quem somos, quem fomos". Descobrem que seus jeitos naturais de ser, seus valores, vão muito além da data em que nasceram – são sinais hereditários.

O ciclo do café também nos desperta para esse passado vivo, nos tornando indivíduos mais completos. Quantas não foram as histórias de São João Marcos que ajudaram a cidade chegar ao seu esplendor? E depois, páginas sofridas, durante a dor da sua decadência. Ruínas são pedras que falam!

São João Marcos hoje ressuscita com o apoio de muitas pessoas, que estão na Light, na secretaria de Estado de Cultura, nos órgãos de proteção ao patrimônio cultural, natural e ambiental de todas as esferas públicas, na Prefeitura de Rio Claro e nas cidades vizinhas.

Maravilhoso é ler os contos que fazem parte desta publicação e constatar que, embora a cidade não exista mais como antes, ela ressuscita e começa a escrever uma nova história de vida.

Fernando Portella

Ficha técnica

Patrocínio

Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro e Light S/A

Light S/A

Diretor Presidente: Paulo Roberto Ribeiro Pinto

Instituto Light

Presidente: *Luiz Otavio Ziza Mota Valadares* Diretora: *Andréia Ribeiro Junqueira e Souza* Gerente: *Paulo Eduardo Roscoe Bicalho*

Realização: Instituto Cultural Cidade Viva Diretor Executivo: *Fernando Portella* Diretora de Projetos: *Francis Miszputen*

Gestão Executiva: *Zeca Barros* Produção Executiva: *Heidi Costa* Produção Editorial: *Roberta Abreu*

Projeto Gráfico e Diagramação: Simetria Arte e Comunicação

Revisão: *Joel Ghiveder* Impressão: *Gráfica Kiryos*

Assistentes de Produção: Anne Caroline Carvalho, Tereza de Jesus

Parceria: Editora Cidade Viva e Prefeitura de Rio Claro

Autores: Alexandre da Costa Leite, Aloysio Clemente Maria Infante de Jesus Breves Beiler, Carlos Gastão Tassano Neto, Carlos Henrique do Nascimento Barros, Daniel de Lima Fraiha, Hector Lúmen, Jober Rocha, Maurício Matos Cunha, Sonia Cristina de Abreu Pestana, Tarsila de Carvalho Fonseca.

Este livro é produto do Projeto Parque em Movimento 2014, realizado no Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, financiado pela Lei de Incentivo à Cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Sumário

A verdade não tem fim
Arqueologia da alma
Eu odeio Getúlio
Linha tracejada
O ouro perdido
Os deuses invadem a terra
Ruínas das águas
Sede
Sobre batons e ruínas
Um portal para o passado. Mistério no parque.

A verdade não tem fim

Carlos Gastão Tassano Neto

Mais um sábado, mais uma tarde de outono. Nas ruas de terra batida em volta da Praça Cinco de Julho algumas crianças jogavam bola sem notar o tempo passar. Senhores cultivavam amizades de décadas apostando moedas em seu tradicional truco e as senhoras colocavam o papo em dia, sentadas nos bancos... Mais um fim de semana perfeito na pitoresca São João Marcos, tudo com a benção do sol que iluminava a cidade por trás dos morros que desenhavam o relevo daquele pacato pedaço do mundo.

Bem, na verdade, nem todo mundo estava de bem com a vida. Não é fácil ter que encarar o mundo com o coração repleto de raiva e ódio. E o coração de Bruno estava assim. Nascido e criado na cidade, o jovem tinha uma vida simples e mansa, como outro cidadão qualquer. Cresceu jogando futebol de botão com seu avô, experimentando a torta de morango que sua mãe preparava todo dia para vender na pequena loja da família e costumava tirar boas notas na escola porque era estudioso. Enfim, uma pessoa absolutamente normal.

Mas, como qualquer ser humano, Bruno tinha um ciclo de confiança restrito que representava o grande alicerce de seu desenvolvimento. Em outras palavras, Bruno tinha alguns grandes amigos, pessoas em quem confiava acima do bem e do mal. Pessoas com quem contava. Bruno era amigo de Juan e de Larissa

Juan era o cara. Extremamente sociável, sempre foi referência em tudo o que fez. Desde criança, repleto de amigos, era convidado certo para todas as festinhas da cidade. Uma verdadeira estrela regional.

Ainda assim, apesar da pseudofama e de todos os motivos do planeta para ser apenas mais um garoto convencido, o menino-homem de 18 anos era humilde e

aparentava ter um bom coração. Como sua mãe era comadre da mãe de Bruno, a amizade tornou-se inevitável. E sendo a amizade baseada na verdade, logo ela tornou-se algo ainda mais forte. Ela se transformou em cumplicidade. Bruno e Juan eram "melhores amigos" um do outro.

Já Larissa... Ah... Larissa... Menina linda de olhos castanhos e pele morena. Cabelos lisos, voz macia e olhar inocente. A princesa de São João Marcos. Na escola, sempre era o principal alvo dos meninos quando da escolha do par nas festas juninas e nos bailes de comemoração do padroeiro da cidade, evento que sempre parava a localidade. Não perdia uma eleição de "Miss Simpatia". Se Juan era uma estrela, Larissa era o Sol. Uma grande fonte de luz na pacata cidade.

Mas a menina meiga não era amiga de Bruno. Não mais. Eles cresceram juntos, brincaram juntos e amadureceram juntos. Compartilharam diversas vitórias e derrotas e um ajudou o outro a evoluir. Ombro amigo nos momentos difíceis e de felicidade autêntica nas vitórias pessoais. Homem e mulher em perfeita comunhão...

O resultado não podia ser outro. Ambos se tornaram namorados. Larissa amava muito Bruno, e ele sabia disto. Tentava corresponder sempre em dobro, mesmo que não conseguisse nem mais imaginar novos meios de demonstrar sua paixão. O que poderia dar errado?

Certa vez, no Dia dos Namorados, Bruno chegou, inclusive, a convidar Larissa para tomar sorvete na loja do seu Zé, localizada atrás da Igreja Matriz, e deu à sua amada um presente especial. Ele a presenteou com um anel de ouro. Mas não era um anel comum, daqueles que os namorados costumam se presentear. Era um anel pequeno, com um coração gravado em seu interior e a palavra "fé" escrita manualmente por um artesão ao lado da figura. Um presente simbólico que representava a confiança plena que Bruno tinha em Larissa e que a fez jurar que guardaria, enquanto durasse o amor deles, na gaveta superior de sua mesinha de cabeceira. E assim foi feito por sua amada.

Interessante que, apesar da paixão e do amor do casal mais feliz de São João Marcos. Bruno não se afastou de Juan. Pelo contrário. Os dois ficaram ainda mais próximos, principalmente porque Juan passou a ser o principal conselheiro de Bruno e era o único que conseguia abrir seus olhos quando o amigo mais precisava.

Tudo estava perfeito. Não tinha como melhorar! Já se falava até em casamento e a escolha do padrinho... Bem, essa seria meio óbvia, né?

Então...

Naquela mesma semana, na quarta-feira, Bruno estava indo para a escola quando resolveu mudar seu caminho só para visitar sua namorada. Nunca fazia isso, mas sua saudade era tão grande, que resolveu surpreendê-la com um beijo matinal.

Ocorre que, ao se aproximar da casa de Larissa, pode observar que a janela do quarto dela estava aberta e havia algum vulto incomum por lá. Aproximou-se pela lateral para averiguar e quando conseguiu identificar o que estava acontecendo, não pode conter seu mundo... Sua amada estava entregue ao seu melhor amigo.

Pasmo, triste, incrédulo... Um chocado Bruno não conseguia nem palavras dizer...

Larissa correu para fora tentando acalmar, ou até mesmo reanimar seu namorado. Tentava, em vão, explicar que nunca aquele fato ocorrera antes e que ainda amava muito Bruno. Não adiantava... O jovem havia embarcado em um pesadelo real e não apresentava mais reações.

Juan não conseguia nem encarar o amigo olhando nos olhos, de tão envergonhado que estava... Envergonhado e já decepcionado consigo mesmo... Como conseguira fazer aquilo com alguém que tinha plena fé nele? No que se tornara? Por quê? Por quê?

Ainda assim, Juan se aproximou de Bruno e disse em voz baixa:

- Eu não mereço perdão... Errei e a fiz errar. Não a culpe... Não sei por que fiz isso, mas já me arrependo profundamente... Por que destruir um amor tão real? Espero poder me perdoar um dia. Você sempre foi referência para mim... Não sei nem o que falar.

Essas palavras Bruno conseguiu ouvir... Mas de nada

adiantou. O jovem obviamente decidiu não ir mais à escola nesse dia e rumou de volta para sua casa. Deitou em sua cama sem dar muitas explicações à sua mãe. Fechou os olhos, sem entender como seu mundo pudera se desmoronar tão rapidamente. Não sabia mais onde pisar... Estava sem chão.

Trancou-se em seu quarto e de lá não saiu até esse lindo dia de sábado. Lindo para os outros. Afinal, a própria noção de beleza é individual. O sol não estava brilhando para Bruno. Para ele nada mais fazia sentido e, pensando nisso, resolveu tomar um atitude drástica... Resolveu se mudar. Arrumou uma pequena mala e avisou para sua mãe que iria passar um tempo com seu primo Frederico, que estudava medicina na capital. A mãe entendeu a escolha do seu filho, deu um longo beijo em sua testa e prometeu uma visita assim que ele se acomodasse na Guanabara.

E assim Bruno partiu de São João Marcos. Sem mais nenhuma palavra. Sem querer as respostas infundadas de Juan e Larissa. Partiu sem olhar para trás.

Na capital, Bruno teve sucesso. Com o coração partido, focou nos estudos. Amante da matemática, encarava os números como um artista desafia um quadro, e seguiu a carreira de engenharia com êxito. Muito êxito. Logo já estava tralhando para o governo. Afinal eram idas da década de 40, e a nação, em ascensão, precisava de muitos técnicos para todas as obras que teria de enfrentar.

Bruno então foi surpreendido com uma daquelas cartas que nos fazem pensar se o mundo existe mesmo ou se não passa de uma simples orquestração divina. Bruno recebeu um convite para trabalhar em São João Marcos.

Mas essa obra era diferente. O Presidente da República tinha planos ambiciosos para aquela cidade... O problema era que os planos eram ambiciosos para a nação, mas não para os habitantes locais. O Presidente queria ampliar a capacidade da represa de Ribeirão das Lajes para abastecer o fornecimento de energia elétrica à crescente população do Estado e, quem diria, as calmas águas daquela região, que tanto serviam de fonte de inspiração para os moradores de São João Marcos e local de brincadeira para suas crianças, agora condenariam a cidade ao seu fim.

Bruno tinha então um desafio. Nunca mais voltara à antiga cidade. Sua mãe sempre o visitava na Guanabara, e ele não queria encarar seus maiores fantasmas. Jamais quis saber o que aconteceu com Juan e Larissa, e agora teria que enfrentá-los novamente... Como? O que fazer depois de décadas? Seria possível perdoar aquela traição?

Bem, como coordenador de insumos, Bruno inicialmente ficou aliviado por não ter que visitar a cidade que tanto temia. Poderia organizar toda logística da capital. Porém, algo não estava certo...

Já maduro, Bruno pensou bem, entendeu que estava satisfeito com sua vida e que não tinha mais motivo para temer nada. Um mês antes da inundação, resolveu ir a São João Marcos para encarar seus maiores medos. Pegou seu carro e em uma noite fria de agosto, à sua antiga cidade chegou.

Choque! Que choque! A cidade já estava abandonada e muitas casas em ruínas. Os moradores levaram tudo que puderam para seus novos lares e a outrora feliz e radiante São João Marcos agora estava abandonada. Bruno rumou pela rua de terra que sai da Praça Cinco de Julho e caminhou lentamente em direção à casa de Larissa. Sabia que sua antiga namorada não mais estaria lá, mais ainda assim nessa direção andou.

Chegando a seu destino, entrou na casa sem esforço, pois a mesma já não tinha mais portas ou janelas. Alguns passos e estava no quarto. Um ambiente quase vazio, afinal a cama havia sumido, os armários já estavam desmontados e os tacos do chão já havia sido levados... Mas a mesinha de cabeceira ainda estava lá. A mesinha de cabeceira! Bruno se aproximou e resolveu, sem pensar muito, abrir uma única gaveta. A maior.

Nela encontrou o anel que dera à Larissa. O símbolo do amor duradouro ainda estava lá. Também encontrou um envelope, que sem pressa, abriu para descobrir as seguintes palavras: "O amor verdadeiro nunca acaba".

Bruno levantou a cabeça. Ponderou. Depois de tanto tempo, seria possível perdoar a Larissa e, à luz da maturidade de ambos, tentar ser feliz com seu primeiro amor? Será que valia a pena procurar o seu novo paradeiro?

Não. Bruno decidiu deixar o anel e a carta onde estavam e deixou a cidade. No caminho de volta à capital, teve pena de Larissa, que nunca conseguiu se perdoar de seu próprio erro e que vivia por isso em uma prisão invisível. Bruno não mais julgava sua primeira namorada. Ali, ele a perdoou. Mesmo sem entender os motivos que a levaram ao ato que tanto o magoou, ele a perdoou.

Naquele mesmo ano, as águas tomaram São João Marcos. Bruno, mesmo à distância, chorou. As lágrimas escorriam não só pelas histórias com Larissa que tanto o marcaram. Mas também porque percebeu que, fugindo da cidade, deixou para trás todos os momentos bons que passara ali. Toda aquela vida cheia de felicidade e energia positiva que só São João Marcos tinha. O show de pipas no domingo, as missas longas do padre Eugênio, o sabor insubstituível da torta de morango de sua mãe, a vida mansa dos habitantes que construíram suas vidas naquele vilarejo ensolarado...

Tudo bem! Um suspiro profundo, uma cabeca mais leve e a alma lavada... As águas poderiam até fazer desaparecer as estruturas de São João Marcos. Mas a cidade nunca iria deixar de existir. Afinal já havia moldado seus habitantes e visitantes, que, mesmo sem saber, carregaria para sempre em suas atitudes e memórias os dias felizes daquela cidade abençoada.

Arqueologia da alma

Alexandre da Costa Leite

Ele havia completado frágeis dez anos de idade quando o pai desapareceu e deixou à esposa o título de viúva de marido vivo. Na verdade, nunca souberam se ele permanecia vivo. A mãe morreu precocemente, aos 36 anos, em janeiro de 1934, com o retrato do homem que amava agarrado ao peito. O filho não se casou, não quis submeter à desolada mãe um novo choque de solidão. Juntos, conservaram a triste sina do abandono, preservada em objetos e fotografias que a mulher cuidava com o esmero de uma curadora de museu. Por muitos anos, o sumico do pai fez da existência deles uma página policial, charada sem solução.

Duarte Sombra e Dione Castro, os pais, casaram-se em 1915, numa festa que fez brilhar o salão da residência na Glória, onde morava a família da noiva. Duarte era um português de trinta anos, alto, magro e com olhos verdes que faiscavam vitalidade e alegria. Dione não passava de uma menina nos seus vagos dezessete anos, pele alva, longos cabelos escorridos e uns olhos negros de cigana. Foram morar numa pequena casa no Cosme Velho. O encontro dessas duas naturezas rutilantes não custaria a gerar um filho, ele nasce em 1916 e é registrado como Diogo.

Duarte escolheu o nome do filho para homenagear Caramuru, o náufrago europeu que conquistou a confiança dos selvagens que habitavam o Brasil primitivo, um mito que ele admirava. Ao filho coube uma ironia, dessas que o destino tanto saboreia: o sobrenome engoliu o nome, se tornou alcunha, havendo muito mais os que o conheciam como Sombra do que aqueles que o chamavam por Diogo.

Com o sumiço do pai, um tio materno assumiu o comércio do português, uma confeitaria na Rua da Lapa, inaugurada poucos anos após o luso desembarcar na capital. Ao completar a maior idade, Diogo Sombra assumiu a

liderança do negócio e mesmo sem o alvorecer da vocação para confeiteiro conseguiu manter a estabilidade financeira da casa. A paixão de Sombra eram os compêndios sobre história, interesse que talvez tenha como embrião a lenda de Caramuru, sempre repetida pelo pai. Caramuru constituía a sua mais valiosa herança paterna. O náufrago que virou chefe dos índios.

Foi numa noite de lua alta, em 1939, que Sombra se deparou com a carta enviada de um lugar obscuro e assinada por um remetente que ignorava. O texto curto pedia urgência: "Seu pai delira, recebeu extrema-unção, pede sua presença, venha rápido. Laura". O alerta do pedido fez com que ele custasse a traduzir o entendimento, as palavras escritas abriram um abismo para interpretações que lhe provocavam vertigens. Verificou o envelope e a correspondência vinha de uma cidade chamada São João Marcos, interior do Rio.

Quem seria Laura? Por que São João Marcos? A ansiedade tomava-lhe os sentidos, o enigma que o acompanhou por toda a vida agora tinha nome e endereco. Desvendar tudo aquilo exigia pressa. Ele pediu a Irineu, um funcionário de confiança, que assumisse a confeitaria. Juntou algumas trouxas de roupa e investiu na penosa viagem. Antes da jornada, conversando com um e outro, Sombra descobriu que São João Marcos havia sido caminho do ouro das Minas Gerais num passado remoto; firmou-se depois como pérola da prosperidade, envolta pelas lavouras de café que rodearam a região, uma cidade bicentenária que entrou em decadência com o fim dos ciclos que a ornaram de riqueza.

Chegou a São João Marcos numa tarde amena e ensolarada, ruas enfeitadas, gente fantasiada, uma alegria profana queria impor-se ao cenário anacrônico e desbotado. A multidão comemorava o tombamento da cidade, patrimônio histórico decretado. Sombra procurou saber onde ficava a Rua da Palha, o endereço indicado na carta. Apontaram-lhe uma via que desembocava numa imensa igreja barroca, a Igreja da Matriz. As ruas calçadas em pedra guardavam ares coloniais e conservavam a destronada

imponência do império. Diogo foi caminhando entre a simplicidade das casas brancas e absorvendo a atmosfera daquele estranho e novo universo. Ora admirava-se, ora entusiasmava-se com a cumplicidade inocente dos nativos do lugar. Ele estava pisando sobre uma pequena província prestes a completar duzentos anos de história, a gravidade dos séculos era o legado que formava o elo daquelas pessoas.

Ao cruzar com alguns garotos que brincavam com bola, Sombra perguntou se eles conheciam um português que morava por ali. Os meninos se calaram, olharam intrigados para o estranho e apontaram uma casinha branca um pouco mais à frente. Havia um entra-e-sai de algumas senhoras. Sombra estacou, pensou em recuar e esquecer a razão que o levara tão longe. Laura surgiu à porta, como que avisada da sua presenca, lancou os olhos na direção dele e esperou. Uma loura no frescor radiante da juventude, com os volumosos cabelos presos num coque, um negro vestido contornando o corpo. O esplendor da moça fez Sombra compará-la a uma valiosa pepita de brilho dourado, estendida sobre um veludo escuro. Ele teve a certeza imediata que estava diante da mais bela presença feminina que havia visto na vida. Acuado, consumou os passos que o aproximaram dela.

- −É você? Laura perguntou.
- Sim. sou eu.

Laura o abraçou forte e com uma ternura tão intensa que ele pode sentir as lágrimas comungando na sua camisa. Dissolvido num caos de emoções, Sombra tonteou. Laura, pressentindo o desnorteio, conduziu o rapaz para dentro da casa. Ele sentou-se na primeira cadeira que avistou e evocou o compasso da própria respiração. É provável que tenha sido assolado pela ameaça da inconsciência ao ver o pai desconhecido, teso e morto sobre a cama. Caramuru. Náufrago. A malária venceu o velho Duarte, as senhoras que rezavam também lamentavam as muitas vidas que a malária já havia ceifado em São João Marcos. Sombra apoiou a cabeça no peito frio do pai e desfaleceu.

Os festejos na cidade ofuscaram o cortejo e

abreviaram o velório. Diogo seguia empurrado pela correnteza dos acontecimentos, não conhecia o cadáver, não reconhecia as faces que se moviam em procissão, confundiase com as ruas. Náufrago. Caramuru despertando entre os índios. Porém, havia um farol, a gentileza morna de Laura e o toque íntimo de outro braço enlaçado ao dele. Laura também era uma desconhecida, mas trazia a expressão cósmica do aconchego e da consolação. Os ritos no cemitério foram acompanhados por um pequeno círculo de testemunhas, o caixão baixou à cova e as trevas da eternidade encerraram o livro sobre um personagem que Diogo não leu.

De volta à residência do pai, continuaram restritos à cumplicidade do silêncio. No entanto, ele percebia em Laura as transparências de um segredo tatuado nos olhos, dois discos azuis, chamas incandescentes que transbordavam daquela imagem de porcelana. Como Laura era linda! Exclamação que soava como um badalo em sua mente. Foi somente à noite que a voz suave da jovem mulher insinuou abrir a Caixa de Pandora, pois muitas vezes cumpre às mulheres revelar os males do mundo.

- Seu pai me falava sobre você.
- Eu mal o conheci e não sei o que ele poderia falar sobre mim-rebate Diogo.
- − O pai me dizia, quando falava de você, que não eram as mulheres as únicas capazes de parir e que ele havia parido um filho pela consciência, assim ele nos contou de você, para mim e para minha mãe.

Diante do semblante perplexo de Diogo, Laura decidiu ignorar o constrangimento que a amarrava e permitiu que as palavras enveredassem pelas revelações que o filho de Duarte fora buscar nas paragens moribundas de São João Marcos. Magnetizado pelos olhos azuis de Laura, ele abriuse para ouvir a reconstituição da existência do pai ausente, ficou como quem ouve as lendas sobre um personagem épico que habita as terras férteis da imaginação. Um deus pagão o criou e desfez-se na agonia do reencontro.

- Seu pai nos salvou do inferno - dita Laura.

A mãe era uma polonesa, veio da Europa trazida por

um homem que a convenceu pela esperança, promessas de uma vida próspera, distante da miséria que ela padeceu na Polônia. No Brasil, encontrou mentiras, foi espancada e obrigada a se prostituir, isolada em um bordel. Engravidou. Laura nasceu no bordel e nele foi criada até completar dez anos de idade. Foi quando o velho Duarte resgatou mãe e filha e as levou para São João Marcos.

- Meu destino seria o mesmo que o de minha mãe, caso o seu pai não tivesse nos salvado. Ele não escondeu que tinha esposa e um filho, mas dizia que vocês ficariam bem, que ele deixava um negócio que rendia um bom dinheiro e que a família da esposa não deixaria nada faltar. Ele se apaixonou por minha mãe, queria protegê-la e nos devolver a honra. Por isso, nos trouxe para outra cidade, longe da sujeira que nos marcou. Seu pai foi um anjo, um príncipe, foi a realização de todos os nossos sonhos. Mesmo depois da morte da minha mãe, ele permaneceu aqui e cuidou de mim, mas queria rever você, queria estar com o filho que deixou na capital.

Diogo ouvia, mas sintetizou tudo numa sentença: a salvação de Laura foi a condenação dele e da mãe a intermináveis dias de melancolia e dor. Fortuna de uns. desgraça de outros. O português não considerou o amor de Dione, a esposa, só levou em conta o próprio amor; desprezou o filho que trouxe ao mundo, só considerou as mulheres que supôs ter que salvar do meretrício; não se mudou para outra cidade apenas para poupá-las, ele fugiu. Laura nem mesmo era sua irmã, mas uma enteada do seu pai desaparecido. Ele enxergava e ouvia com um ressentimento que sangrava. Não sentia raiva de Laura, a paz daqueles olhos azuis serenava o caos e inspirava ordem ao coração. Ainda não sabia o por quê, mas estava preso àquela pintura dourada que compunha Laura, tão verdadeira quanto misteriosa. Como seu pai, ele decidiu permanecer em São João Marcos até que as ideias clareassem. Não cogitava entregar Laura à deriva.

A missa de sétimo dia aconteceu na Igreja da Matriz, a grandeza em ouro causou em Sombra um sentimento de abstração. Diante da imensidão do altar, cercado por anjos barrocos e vitrais magníficos, a fé fazia o único estado espontâneo dos homens. O braço de Laura, novamente enlaçado ao seu, oravam juntos, ela pela saudade e ele sem saber pelo quê. Não chorou a morte do pai, continuava sem saber quem era o pai. Laura, sim, ela o despertou do longo torpor e acenava a cura para a sua solitária melancolia.

Irineu, o funcionário que ficou responsável pela confeitaria, passou a fazer pequenas remessas de dinheiro, a pedido de Diogo, para que fosse possível o seu sustento enquanto estivesse longe do Rio. Ao lado de Laura, ele provava o sabor doce dos dias e noites que nunca se concedeu. Assistiam a apresentações de atores num teatro solene, o Tibiriçá; passado o luto, dançaram nas belas noites do Clube Marquense, desfrutando dos espaços sociais de São João Marcos; ou, simplesmente, passeavam a esmo sobre as ruas de pedra que teimavam em resguardar a luz tênue das lamparinas de azeite. Diogo, que não era um homem de paixões, reencontrava-se.

Volta e meia, flagrava Laura fitando, alheia, a foto do seu pai pendurada numa das paredes da sala. Comovia-se com a devoção da menina.

Os meses correram e Diogo não discutia com a plenitude hedonista que alcançou ao lado de Laura. Acostumou-se aos hábitos e deleites daquela pequena cidade, a vida simples, como simples é a felicidade. A felicidade era trivial e sólida, como o seu amor por Laura, não revelado, mas real. E foi num flanar noturno, debaixo do céu cristalino e sob a vigilante opressão das estrelas, que ele não mais conteve o ímpeto que o acossava, puxou a jovem loura pela cintura e a beijou. Laura não resistiu, doou-se. A saliva batizava o fervor das línguas enroscadas e exalava a lascívia que o pudor queria negar. Caramuru, náufrago no infinito azul dos olhos de Laura.

Outros dias e noites sucederam e a casa do falecido pai era um campo de disputa, o predador e a presa. Sombra não suportava a fome incitada pelos beijos cada vez mais ardentes, queria romper com a castidade, desprezar a mácula da luxúria, saciar a pele abrasada unindo-se ao corpo de

Laura, mas ela marcava a fronteira do platônico.

O assédio não cessava, ao contrário, a continuidade do convívio estimulava a insistência e a agressividade da libido. No limite do desespero, Laura chamou Diogo ao quarto e começou a desvencilhar-se dos panos que cobriam sua inocência, o corpo desvendava-se. Diogo assistia como um chacal que observa a caça e aguarda a hora do banquete. Nua, Laura exibiu a barriga esférica, pontuda, grávida.

– Eu carrego a semente do seu pai. O meu filho será seu irmão. Eu amei seu pai e agora amo você, me perdoe. – A confissão a fez desatar um choro compulsivo.

Diogo abaixou a cabeça e golfou o vômito da repulsa. Ergueu-se sem voz, saiu de casa e perambulou pela madrugada oca de pensamentos. Ao amanhecer, retornou à capital.

Reestabelecido no Rio, não se esqueceu de gratificar Irineu pela lealdade. Para curar a chaga que contraiu em São João Marcos, Sombra dotou-se da amnésia seletiva que envia os desconfortos do espírito para os calabouços remotos da nossa biografia.

O vento soprou as páginas do tempo e levou, pelas mãos de Irineu, o jornal que devolveria a Diogo o episódio exilado. A manchete do periódico estampava o fim anunciado de São João Marcos. Revogado o tombamento, ela foi destruída para ampliação de uma represa, as águas alagaram a região após a implosão da cidade. Nas crônicas da humanidade, não foi uma única vez que constataram que o arrependimento é o avesso do ódio e Diogo arrependeu-se de ter renegado Laura. Resumido aos trajes que vestia, ele partiu afoito para o condenado lugarejo onde experimentou o amor, reencenava o folhetim do pai, iria resgatar sua paixão.

Ao alcançar o ponto da estrada do qual vislumbrava a Igreja da Matriz, realmente, não havia nada. Embrenhou-se pelos matos e cruzou com a destruição interminável. As casas, o teatro, as torres da igreja, o edificio inteiro, tudo atirado ao chão, fragmentado em pedras, uma cidade inteira espanada do mapa. Diogo interpelou os poucos habitantes que se esgueiravam como fantasmas entre as ruínas, ninguém sabia o paradeiro de Laura. Exausto, ajoelhou-se próximo ao

cemitério em que enterrou o pai e girou a cabeça para contemplar o apocalipse. São João Marcos, uma Atlântida que se precipitou no abismo para receber as águas que a enterrariam e que jamais a inundaram. Cidade insepulta, sítio arqueológico das almas destituídas da memória.

Eu odeio Getúlio

Maurício Matos Cunha

Numa casa em Nova Iguaçu, Alberto e seus irmãos Alfredo, Aline e Almir se reuniram. Era quatro de março de 2014, décimo dia após a morte do pai Edemar. O caçula Alberto fez questão do agrupamento para dar um final aos pertences do pai.

Alfredo era o mais velho, seguido por Aline, Almir e, por último, Alberto. Com exceção do cacula, todos eram casados.

Aline criticava o irmão, advertindo que iria morrer solteiro. Ele sempre se defendia alegando que ainda não havia encontrado sua alma gêmea.

Alberto, com seus 28 anos de idade, levava uma vida calma. Exercia a profissão de professor de História. Não era habituado à badalação. Gostava de ler bons livros e frequentar eventos culturais. Na verdade, procurava uma mulher com idênticos hábitos. Muito difícil nestes tempos de implicações rápidas e passageiras.

Seus irmãos residiam nas suas próprias casas. Alberto foi o único que permaneceu com o pai até o termo final.

- Albertinho, eu achei desnecessário essa reunião argumentou Alfredo. - Papai nunca possuiu bens importantes. Sugiro que doe as roupas. Guarde as fotos e o que não seja relevante exclua.

Todos os irmãos aprovaram, menos Alberto. Ele carrega o sentimento de tradição sobre aqueles que por aqui passaram. Sustenta o conceito que devem ser "preservados" de alguma maneira. Afinal é um professor de História.

- Irmãozinho, você está abalado emocionalmente, pois residia com papai desde a morte de mamãe – lembrou Aline. – Damos-lhe plena permissão para fazer o que bem entender sobre os objetos que eram de papai. Aconselho que não valha a pena preservar essas coisas. Somente fomentam tristes lembranças.

Alfredo e Almir permaneceram calados.

- Não acredito que papai se foi aos 65 anos de idade comentou Aline deixando as lágrimas invadirem seus olhos.
- Nestes cinco anos sem a nossa mãe eu cuidei de papai. Ele era um sujeito teimoso em relação às suas convições. Achava que certos conceitos antigos ainda prevaleciam sobre métodos avançados. Divertia-me quando colocava essas considerações de épocas diferentes perante papai.
 - -Eu proponho o seguinte...

Todos prestaram atenção em Almir.

- Vamos decidir numa votação. Quem acha que Albertinho deve dar uma conclusão, erga a mão.

Almir foi o primeiro a levantar o braço. Em seguida Alfredo e, por último, Aline.

Eleito o responsável contra sua vontade, encerraram aquela questão. Em seguida cada um se retirou alegando mil e um compromissos.

Sozinho, Alberto rumou para o quarto do pai. Ao abrir a porta sentiu uma amargura tomar conta da sua alma. É estranho quando uma pessoa que amamos ou animal de estimação nos deixam sozinhos pelo resto de nossas vidas. Até nos acostumarmos, emanam todas as lembranças possíveis que a memória consegue promover. Além disso, cruciais indagações se passam pela cabeça: "Para onde foram suas almas? Onde estão? Por acaso estão próximos dos vivos na sua forma etérea?"

São especulações que ninguém até a presente data tem uma resposta definitiva. Verdade que existem respostas nas diferentes religiões. No entanto, uma contradiz a outra. Portanto, não há uma verdade peremptória. O consenso teria que plainar sobre todas.

Alberto ficou parado sobre o umbral da porta mastigando esses pensamentos sem conseguir engoli-los. Finalmente decidiu adentrar o aposento. Ressentia em seu coração a dor do vazio.

Seus irmãos não sofriam tanto, pois residiam longe do pai. A convivência com afeição estreita laços os quais são difíceis de serem desatados.

O perfume de loção de barbear de uma marca tradicional que seu pai sempre usava ainda teimava em permanecer no lugar. Ou era seu pai que por ali estava a passear?

Lógico que não. Eram apenas resquícios de um perfume que logo, logo se extinguira.

Sentou na cama do pai. Estava com os lençóis esticados e o restante do quarto arrumado. Ele imaginou que seu pai retornaria do hospital ao ser socorrido de um mal inesperado. No entanto, a morte o esperava no hospital. Assim o quarto estava intacto. Tudo foi rápido demais. Sobreveio mal súbito às nove horas da manhã e no começo da tarde faleceu. Pelo menos um conforto afagava o coração de Alberto: o pai não sofreu dias seguidos entrevado numa cama de hospital.

Alisou os lençóis bem esticados... Quem arrumou? Ele ou a arrumadeira? Que importância tinha essa questão?

Ergueu-se e caminhou na direção do guarda-roupa. Sempre respeitou o espaço do pai. Era a primeira vez que mexia nos pertences paternos sem permissão.

Começou a retirar as roupas a fim de doar para uma igreja ou instituição de caridade. Muitas estavam em perfeito estado e algumas nunca tinham sido usadas. Seu pai possuía vinte camisas, mas só usava três. Revezava vestidas ou na máquina de lavar.

Alberto se surpreendeu ao encontrar cinco camisas com etiqueta e preços declinados, de tanto tempo que foram adquiridas. Ele não se conteve e murmurou:

-Papai... Uma eterna figura lendária... - sorriu.

Acondicionou tudo em três bolsas grandes. Em seguida explorou outras coisas. O que era importante ele conservava e o que julgava sem valor separava, objetivando um fim adequado.

Logo uma caixa lhe chamou a atenção. Abriu. Havia cartas, retratos e documentos antigos.

As cartas eram mensagens de amor quase apagadas entre seu pai e sua mãe. Separou todas as cartas. Pretendia guarda-las num local ajustado para retardar o tempo de apagar o restante das tintas das letras.

Eram retratos de parentes remotos. Avós, tios e pessoas os quais desconhecia. No entanto, uma foto cativou sua curiosidade. Retratava um homem na faixa dos 30 anos. Estava perfeita apesar de amarelecida. Distinguiam-se detalhes surpreendentes. O chapéu, bigode e a vestimenta da época. Preso à foto encontrava-se um clipe bem enferrujado atrelando uma missiva com a maioria das letras desaparecidas. Conseguiu ler apenas no início: "S o Jão M r s..." No meio da mensagem a citação: "Eu odeio Getúlio." No final, uma data: "20 d ab il de 935." Nada mais era possível ler. A frase intacta resistiu ao tempo, visto que foi escrita com muita pressão.

Evidente que a curiosidade tomou conta dos seus pensamentos. Não é comum guardar uma fotografia declarando que odeia outra pessoa. Talvez o texto apagado indicasse outro sentido em relação com a frase.

Alberto era neto de um homem que viveu na extinta cidade de São João Marcos. Muitas vezes ouviu o pai repassar histórias do avô acerca da cidade. Ele sabia que a destruição da cidade foi promulgada por Getúlio Vargas. Mas tal determinação aconteceu em 1940 e a data na missiva deduzia "1935", cinco anos antes. Portanto, não era possível ser o mesmo Getúlio.

Resolveu investigar. Mas, por onde começar?

O caminho mais curto era indagar o irmão mais velho.

No dia seguinte foi à casa de Alfredo. Depois do habitual cumprimento com o irmão e restante da família, Alberto mostrou a imagem ao irmão e indagou:

- −Ouem é?
- -Não sei quem era.

Exibin o bilhete.

− Isto é muito antigo. Qual o problema?

Alberto declarou que encontrou nos pertences do pai.

- Esqueça essa frase antiquada. O que fez com os pertences de papai?
- Doei as vestimentas e os calçados. Guardei somente coisas que preservam sua memória.

- −Ótimo!
- Quanto à casa?
- Continua morando. Não haverá partilha jurídica do imóvel. Aquela casa pertenceu aos nossos pais. Significa muito para todos nós. Passamos boa parte de nossas vidas debaixo daquele teto. Até porque nós temos nossas propriedades.
- Voltando ao assunto inicial. Tem alguma ideia onde posso encontrar alguma referência acerca desse Getúlio?

Alfredo cofiou os ralos pelos do queixo e respondeu:

- Não tenho nenhuma opinião... Ah, porque não consulta titio Edgar?
 - Titio Edgar... Uma ótima lembrança!

Dois dias depois.

Alberto visitou o tio, dois anos mais velho do que seu pai. Edgar residia em Resende.

Depois das costumeiras felicitações o sobrinho questiona o tio a respeito do enigmático Getúlio. Além disso, mostra a fotografia do homem desconhecido.

- Querido, meus olhos já não enxergam como antes, não sei quem é esta pessoa. Mas afirmo que só existe um Getúlio que a nossa família e todos os marcossenses tinham bons motivos para odiar.

Alberto encarou o tio com clara curiosidade.

- Até o ano de 1937 nossa família residia em São João Marcos. Nesse mesmo ano mudaram para Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Nesta cidade ficamos até cada um (filhos) seguir seu próprio caminho. Quanto às razões que provavelmente devem ter motivado este ódio, foi a aniquilação de São João Marcos por decreto do Presidente Getúlio Vargas.

Depois de uma rápida pausa o tio continuou:

 São João Marcos, na época dos seus avós, havia perdido muito sua importância com a decadência do cultivo do café. Mas era uma cidade com boa estrutura e importante na região do Vale do Paraíba Fluminense. No entanto, o Presidente Getúlio ignorou este fato e ordenou desapropriar as fazendas e depois a área urbana. Toda aquela extensão seria inundada para aumentar a capacidade da represa de

Ribeirão das Lajes, a fim de abastecer com água e energia elétrica a Capital Federal. É o máximo que posso lhe dizer, sobrinho, a respeito desta frase.

- -Tio, a inundação aconteceu anos depois da frase. Não há motivos reais para nutrir um sentimento negativo pelo presidente. Convenhamos que fosse outro Getúlio. A não ser que alguém consultou uma espécie de oráculo ou algo semelhante. Seria esta a razão pelo ódio ao Presidente Getúlio Vargas?
 - -Lógico-afirmou o tio.
- Essa interpretação é pouco coerente. Não determina veracidade concreta. Há outro motivo, o qual ficou oculto.

O tio manteve sua opinião, ignorando a questão do sobrinho.

Despediu-se do tio e retornou à sua casa.

Alberto encucava-se na busca da verdadeira resposta. Portanto, estava resolvido de ir ao encontro do esclarecimento. Necessitava buscar novas veredas. O irmão mais velho não lhe serviu. O tio apresentou uma resposta com lacuna de tempo.

Acontecimentos do passado com registros incompletos criam labirintos de muitas interpretações. Portanto, Alberto ambicionou ir ao encontro da intricada resposta.

Descobriu que, numa veemente dedicação, arqueólogos aclararam fragmentos importantes da História de São João Marcos. As águas da represa não inundaram totalmente a cidade, porém mais de sete décadas foram suficientes para o mato abafar o que restou da antiga cidade.

Apesar de estar situada a menos de 250 quilômetros da Capital, São João Marcos era uma urbe interiorana. Todavia era uma admirável cidade bicentenária quando foi destruída na década de 40 do século passado.

Por isso que o desejo de contar sua História era reivindicado por direito histórico. De tal modo que, em junho de 2011, tornou-se um patrimônio cultural vivo. Parque arqueológico e ambiental que leva o nome da antiga cidade.

Alberto tomou gosto por essa história que, na verdade, era parte da sua família antecedente. A questão da resposta ao "Ódio por Getúlio" abrangia um contexto maior.

Ele precisava estar bem próximo, fisicamente, daquele lugar que não havia sucumbido para sempre. "Vive" da mesma forma que as ruínas gregas, romanas, incas, astecas, egípcias...

Lembrou que quando serviu na marinha foi designado como sentinela na Ilha de Marambaia, litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Nesse local havia uma antiga senzala. Nos dias em que permaneceu na ilha ouviu histórias estranhas. Determinadas pessoas, ao visitar a paragem, ficaram impressionadas com sensações de arrepios. Ouviram lamentos. Cantigas de festanças... Julgou que foi a emoção dessas pessoas ao estar num local onde ocorreram muitas atrocidades. Eram tão incisivos que num dia de folga resolveu comprovar fisicamente. Ouviu gemidos. Imediatamente considerou que alguém por perto acidentara. Rastreou a localidade empregando o que aprendeu nos treinamentos militares. Não encontrou nenhuma anomalia. Questionou-se: "Foi um animal silvestre emitindo um som bizarro? Vento? Ou um chorado além da realidade?"

Até hoje não conseguiu determinar uma conclusão absoluta, apesar de serem locais e fatos com acontecimentos diferentes. Intimamente, esperava que fosse repetida a mesma experiência em São João Marcos. Quem sabe uma resposta do passado a respeito do ódio obscuro pelo desconhecido Getúlio?

Dias depois rumou para o município de Rio Claro. Antes da inundação, Rio Claro era um distrito de São João Marcos.

Ao chegar a Rio Claro deparou-se com uma cidade com aspectos cotidianos de cidades interioranas. Sem perder tempo tomou o rumo do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos.

Ao chegar ao local sentiu uma imane emoção. Em cada restolho de construção ele percebia que fizera parte da vida dos seus antepassados de sangue. Os restos da antiga cidade ecoavam do passado, com têmpera e reflexão. Porém, ao contrário da Ilha de Marambaia, ele não absorveu nenhuma experiência extraordinária.

Atentou-se nos resquícios que o local anunciava. As ruínas emitiam a história de um passado distante. O museu da cidade de São João Marcos assessorava todas aquelas ruínas de modo didático. Além disso, os conhecimentos das pessoas que atuavam no Parque foram relevantes. Todavia, jamais saberá o verdadeiro motivo do ódio pelo tal Getúlio somente visitando o parque.

A destruição arbitrária de São João Marcos pelo Governo de Getúlio, além de equivocada, não considerou nenhum estudo de impacto ambiental. Tanto que diversas epidemias de malária provocaram a morte de muitas pessoas que ficaram nos arredores da nova dimensão da represa. As águas ofereceram um "criadouro" gigantesco para o mosquito da malária. Proliferou a febre amarela naquela região de maneira assustadora. A remanescente população foi condenada a emigrar para cidades vizinhas.

Essas facetas de comandos políticos do Estado Novo ocorridos na época do alagamento de São João Marcos representam motivos suficientes para Alberto acreditar no verdadeiro sentido da frase do "ódio". Até porque não era necessário residir ou estar longe da cidade condenada. Todavia, Alberto achou breve este conclusivo termo. Havia um espaço de tempo que ficou entranhado no passado.

Pessoas com espírito que não se contentam nas respostas óbvias ficam incomodadas, quando esvaecem os rumos que os levarão a uma solução.

Aquelas ruínas arqueológicas envoltas por uma natureza espetacular o induzia a pensar. Estava caminhando e apreciando o que restou de uma antiga cidade. Que o tempo não conseguiu desaparecer... Sim ela vive na memória dos herdeiros. Logo germinou uma grande ideia.

Alojou-se em Rio Claro.

Na manhã seguinte empregou sua ideia. Perguntando aqui e ali foi delineando um "caminho" até encontrar um nome: senhora Gertrudes. Disseram-lhe que na época do melancólico acontecimento ela contava quinze anos de idade.

A casa desta senhora ficava bem próxima do centro da cidade. Na calcada, bateu palmas em frente ao portão. Uma mulher com cerca de quarenta anos abriu a porta. O espreitou desconfiada.

- Bom dia, senhora! Eu sou Alberto. Meu avô residiu em São João Marcos. E eu soube que a senhora Gertrudes também habitou naquela cidade. Portanto, gostaria de conversar um pouco com essa senhora.

O receio da mulher aumentou, a idosa há muitos anos não recebia a visita de pessoa que fosse não íntima.

- − Deseja falar o quê com minha mãe?
- Perguntar sobre aspectos ligados à antiga cidade de São João Marcos.
 - Há um parque e um museu onde existiu a cidade.
- Verdade, senhora. Entretanto, por mais que sejam fiéis, nunca será tão intenso quanto o testemunho de uma pessoa.

A mulher encarou Alberto por um momento e disse:

- Minha mãe está idosa para tratar deste assunto. Sinto não poder ajuda-lo.
 - -Autoriza-me a fazer uma pergunta?

A mulher hesitou.

- Indaga se ela conheceu alguém em São João Marcos chamado Getúlio?

A mulher permaneceu imóvel, afrontando Alberto.

- Por favor. Eu irei embora e nunca mais a importunarei, senhora...
 - -Lucia. ela se identificou.
 - Então, senhora Lucia?
- Eu vou trazer mamãe até a varanda. Darei permissão a sua única pergunta.
 - -Obrigado, senhora Lucia.

Dez minutos depois Lucia abre a porta. Ajudava uma anciã com dificuldades de caminhar. Acomodou a idosa numa poltrona. Dirigiu-se ao portão.

- Desculpe pela demora. Mamãe é vaidosa não queria receber uma visita sem estar arrumada. Entre, ela está esperando.

Lucia ofereceu uma cadeira para Alberto. Ela também se acomodou em outra bem próxima, entre o visitante e sua mãe. Comportava-se como uma guardiã.

Alberto cumprimentou respeitosamente a senhora Gertrudes. Mas ela não esboçou nenhuma reação.

- Fale bem alto. Mamãe tem dificuldade de audição por causa da idade.

Alberto acatou a sugestão da filha. Repetiu o cumprimento.

A senhora Gertrudes sorriu e disse:

− É um moço muito bonito − a senhora Gertrudes elogiou o visitante.

Alberto sorriu e em seguida fez a indagação acerca de Getúlio.

-"Geraldo"... Eu conheci...

Alberto corrigiu o nome: "Getúlio". Ela ignorou a correção e continuou:

- Era um rapaz namorador...

Apesar da sua idade avançada ela ainda dominava boa memória.

- Éramos felizes naquela cidade. E depois a destruição... – calou-se.
 - E Getúlio, o que sabe sobre essa pessoa?

A idosa não respondeu exatamente à indagação. Persistiu abordando aspectos principais que o tempo não apagara da sua lembrança.

− Os bailes de carnaval foram os melhores que eu vivi. Havia Folia de Reis. Éramos moças cortejadas pelos rapazes na subida da Rua da Palha. Adorávamos frequentar o Teatro Tibiriçá. Estudávamos no colégio com nossos uniformes impecáveis. Na missa trocávamos, com os rapazes, piscadelas de olhos, escondidos do padre... – Ela riu.

A boa senhora narrava detalhes cotidianos de uma jovem que viveu naquela época. No entanto, estava muito distante da indagação de Alberto. Citava nomes de pessoas, menos "Getúlio". Às vezes repetia a mesma história.

Alberto não poderia pressionar a senhora, uma vez que sua idade não colaborava. Também havia a filha, que o vigiava como um cão fiel. Ele esperava encontrar um momento oportuno. No entanto, os minutos foram passando...

Por fim, a senhora Gertrudes se cansou. A filha

percebeu e interferiu:

- Minha mãe está exausta. Eu a levarei para dentro.

Alberto ergueu-se. Aproximou-se da anciã e beijou sua delicada mãozinha enrugada. Ao sentir o ósculo, ela sorriu e disse:

- Você é um bom moço. Estou muito feliz com a sua visita.

Pela primeira vez a filha sorriu e foi cordial com Alberto:

- Quer um café antes de partir?
- Alberto aceitou.
- Pode sentar. Vou deixar mamãe acomodada no seu quarto e trago o café.

Elas adentraram.

De repente a porta reabriu e a senhora Lucia retornou:

- Quero lhe agradecer por sua inesperada visita. Há muito tempo não testemunhava mamãe tão feliz. Ela acabou de confessar este sentimento após sua presença. Obrigado por ter lhe ofertado este momento tão raro. E difícil oferecer felicidade para uma pessoa muito idosa. Em especial no seu caso.

Alberto sorriu sem saber o que dizer.

- Aguarde-me. Terei o prazer de preparar um bom café. Ouer com biscoitos ou bolo?
 - Somente o café.

Apesar do agradecimento Assim que ela entrou o rapaz pôs-se a pensar no seu fracassado ensejo.

Minutos depois apareceu uma mulher mais nova do que a senhora Lucia.

- -Bom dia ele saudou.
- -Bom dia ela respondeu.
- Eu sou Alberto.
- Patrícia ela identificou-se. O que o senhor quis dizer à minha avó?

Alberto explicou o seu propósito.

- -Getúlio?... Marcossenses antigos e descendentes tem suas próprias razões para abominar o ato do ex-presidente Getúlio Vargas.
- − Não sei se é a mesma pessoa − ele mostrou a foto e o bilhete. – Essa data não coincide com a época do

destombamento de São João Marcos pelo Presidente Getúlio Vargas. Sua avó lhe disse alguma vez sobre outra pessoa chamada "Getúlio"?

Patrícia pensou por alguns segundos e respondeu:

- Não, ela nunca falou sobre outra pessoa, além do presidente.

A senhora Lucia retornou trazendo uma bandeja com três xícaras de café.

- -Muito gostoso Alberto elogiou.
- Moço eu não uso máquina de café. Faço da mesma maneira que a minha mãe me ensinou, no coador de pano.
- De fato está melhor do que muitos cafés preparados em modernas máquinas.
 - −O senhor é casado? − indagou a senhora Lucia.
- Não. Eu ainda não encontrei a mulher que preencheu este posto.

Dona Lucia recolheu as xícaras vazias e disse:

– Com licença senhor Alberto. Eu vou prestar cuidados à minha mãe.

Alberto e Patrícia permaneceram calados por um momento.

- Ontem visitei as ruínas. Ele quebrou o silêncio. -Parecia uma cidade bem bonita.
- Eu já fui diversas vezes nas ruínas da antiga cidade. Tenho uma amiga que trabalha no museu. Para ser sincera, eu amo aquele local. Faz-me repassar um tempo que nunca se repetirá. Lembro-me das coisas boas que minha avó contava. Ela fala com muito saudosismo sobre as festas tradicionais que existiram em São João Marcos.

Alberto e Patrícia conversavam a respeito de uma cidade que nunca conhecerão. Entretanto, tornou-se um contexto rico que instigava suas imaginações.

Enquanto adentrava este mote, ambos ignoravam que eram vigiados, de vez em quando, por um par de olhos atrás de uma fresta da janela. Eram os olhares da senhora Lucia que havia simpatizado com o recém-chegado. Sua filha precisava de outra companhia. E ela pressentia que o desconhecido era um potencial candidato.

Sem saber dos intentos da senhora Lucia, Alberto, que estava com permissão de fazer apenas uma pergunta, permaneceu cerca de três horas conversando com a neta da senhora.

Despediu-se com a certeza de regressar. Sem o desejo de alcançar a verdadeira resposta: "Eu odeio Getúlio."

Não se confessaram... Ele, sem almejar, estava arrebatado pela neta da senhora Gertrudes. E a outra parte, inesperadamente, do mesmo modo.

O destino reserva capítulos nunca divulgados com antecedência. Atraiu dois legítimos descendentes de uma cidade destruída, cujos escombros tornaram-se memoráveis.

Alberto, na sua procura cega, não descobriu o passado do legítimo Getúlio "odiado", mas quem sabe, encontrou no presente a sua alma gêmea.

Linha tracejada

Sonia Cristina de Abreu Pestana

- −O limite calculado é este, senhor.
- Você é novo nisto. Não quer me questionar, não é? Tenho alguns anos de experiência a mais do que você. Você usava fraldas e eu já fazia cálculos, rapaz.
- Senhor, mas considerei precisamente o nível, a topografia, eu penso que no limite desta linha...
- Você acha que pensa demais, Sr. Neto. Vamos com isso. Aumente o delineamento da projeção até aqui. Precisamos de uma margem de segurança. Faça e me reapresente o mapa.
- Meu estudo já considerou esta margem, senhor. Se fizermos isso, estaremos incluindo esta cidade inteira, sem necessidade, segundo minhas estimativas.
 - Não é mais uma cidade. Neto.
- Ainda é, senhor. Sei dos trâmites para torna-la distrito, mas ainda é cidade. Há um patrimônio ali. Seria um pecado se...
 - -Você tem alguém, algum parente lá, rapaz?

Francisco Neto abaixou a cabeça e disse em voz baixa e vencida:

- Não senhor, nenhum parente.
- Vamos com isso, já falei. Redesenhe o mapa e a delimitação.
- Não posso fazer isso senhor. Não posso. Eu... eu temo que deva sair deste projeto. Peço sua autorização...
- Fora daqui. Você me faz perder tempo. Fora daqui! Dê-me esses mapas.

Estava ali na janela do clube, com um copo na mão, olhando para a noite de São João Marcos. Seus pensamentos o absorveram por completo. Viajava no tempo, porque isso é o que se pode chamar de volta ao passado. Criava e recriava em sua imaginação as imagens de seu pai e sua mãe – às vezes dele mesmo entre eles, aprendendo a caminhar, brincando na praça. A mãe, ele a perdera quando pequeno, e era isso que dava o tom melancólico àquele rapaz de 16 anos.

- Venha, vai começar a contagem! O braço que segurava o copo foi puxado pela moça eufórica do salão, derramando a limonada na roupa de Neto. – Oh, desculpe, desculpe, que estabanada eu sou!
- Não, não foi nada, Adália... Começo o ano batizado, então... – disse Neto sorrindo para ela. Adália sorriu de volta, grata pelo senso de humor que Neto demonstrara para não constrangê-la, e o puxou novamente, para que fossem ao centro do salão fazer a contagem regressiva para o ano-novo de 1923. "10-9-8-7-6-5-4-3-2-1...

"Feliz Ano-Novo!" Gritaram todos efusivamente, e havia mais que o calor e o bramido no ar. Havia alegria, tristezas, lamentações, recordações, promessas e esperanças para o futuro. A música recomeçou e um estandarte bordado em dourado foi aberto com o número 1923 em tamanho gigante. Os dois, que estavam posicionados mais ao fundo do salão, acabaram ficando sozinhos atrás do grande pano. Mas Neto não viu o estandarte, nem sequer ouviu a banda recomeçar suas músicas, porque Adália estava pendurada em seu pescoço, dando-lhe um beijo declaratório que o pegara totalmente de surpresa.

Quando os pés dela tocaram o chão, a cabeça dele estava na lua e seu rosto parecia estar no sol.

- -A... Adália... Pretendia dizer-lhe...
- − E eu também gosto de você. Só não estou gostando desse seu olhar triste... No que pensava na janela?

Francisco Neto perdera sua mãe na epidemia de malária. Ela pereceu em 1908, quando ainda era um pequenino de um ano e alguns meses. Seu pai, Francisco Filho, era engenheiro e trabalhava naquela região, para o governo. Havia feito morada em São João Marcos, mas tinha uma casa no Rio de Janeiro. Quando ficou viúvo, partiu com seu pequeno filho para a capital e, desde então, Neto nunca mais havia retornado à cidade, da qual sequer guardava alguma memória. Tinha-a construída em mente pelas

descrições e estórias de seu pai e de seu avô, e pelas cenas imaginárias de uma infância de curso alterado que deveria ter vivido lá.

Seu bisavô, Afrânio Francisco, era um grande arquiteto e foi projetista de algumas edificações importantes em São João Marcos, nos idos de 1840. Decidira fixar moradia por lá, enfeitiçado pelo carisma da cidade. Casou-se em 1842, e do casamento lhe nasceu seu filho Francisco, que, futuramente enviado para a capital, veio a tornar-se um importante engenheiro.

Francisco já era engenheiro promissor e retornou à sua cidade de origem em 1869, aos 26 anos. Adorava aquele lugar que, mesmo não tendo a pujança de antes, devido à queda no comércio pela construção da ferrovia, era sua referência de vida. Mas ali sua carreira não poderia lhe dar bons frutos como na capital. Assim, mesmo casando-se com uma marcossense, o casal foi então para o Rio de Janeiro fazer sua vida. Em 1870 nasceu Francisco Filho.

Francisco Filho seguiu os passos de seus predecessores e também se formou em engenharia. Em 1895 veio feliz para São João Marcos assumindo um trabalho para o governo, e ali fixou sua vida, casando-se em 1905 com Fernanda. marcossense também. Para eles, a felicidade durara poucos anos. Após a morte de Fernanda por malária, ele decidira romper com as lembranças da cidade, fugindo para a capital para criar Neto, que ainda era bebê.

Mas, em dezembro daquele ano de 1922, Francisco Filho decidira levar Francisco Neto para São João Marcos a fim de conhecer a cidade em que nascera e mostrar-lhe as obras projetadas por Afrânio Francisco nos idos de 1840. Oueria que fossem guardadas para sempre, vivenciadas por seu bisneto que já demonstrava querer seguir a tradição da família. Aquilo era história, e era razão de orgulho para a família de engenheiros.

Foi assim que Francisco Neto, o adolescente de 16 anos, retornou à sua cidade natal.

O baile do réveillon terminava e as famílias se dirigiam às suas casas.

Francisco Filho não pôde deixar de ficar triste pelas lembranças antigas de Fernanda, vitimada por desvios que o homem desenha no rumo das vidas. E Francisco Neto, feliz pela descoberta dos sentimentos por Adélia, mas triste - imerso nos sentimentos marcossenses - pela constatação de que alguma coisa havia transcorrido da forma errada em seu destino.

Aquela temporada na cidade da qual seu pai e avô tanto lhe falavam era uma aventura muito esperada e ficou guardada para sempre em sua memória.

Ele voltou para o Rio de Janeiro e manteve correspondências por carta com Adália. Depois de uns cinco anos, Adália parou de responder às suas missivas. Francisco Neto não soube o que teria causado a interrupção das cartas. Quem sabe ela partira para outra cidade. Talvez um casamento. Talvez algo terrível pudesse ter acontecido a ela. Decidiu parar de enviar cartas a Adália. Ela passou a fazer parte do grupo de lembrancas melancólicas de São João Marcos.

Naquele dia de 1932 ele pediu demissão, ao largar o projeto da expansão da represa de Lajes. São João Marcos provavelmente precisaria ser evacuada e destruída se os limites de inundação, demarcados pela linha tracejada em sua análise, fossem ampliados como propunha seu chefe. O rumo que o projeto tomava estava sendo como uma facada em seu coração, pelos danos irreversíveis àquele patrimônio arquitetônico que certamente já se transformava em patrimônio histórico, e pela ferida fatal que isso representava contra a memória de sua família.

Neto decidiu que tiraria férias por conta própria e iria voltar a São João Marcos, procurar por notícias de Adália, por mais que a incerteza sobre o que descobriria lhe atemorizasse. Chegou numa tarde de domingo e após deixar suas malas na hospedaria, dirigiu-se à Igreja Matriz para assistir à missa que começaria em menos de meia hora.

Apreciou a beleza dourada do templo e sentiu-se acolhido. Observava atentamente cada mulher que entrava na igreja, ansiando por encontrar as feições de Adália em seus rostos. Quando vinham acompanhadas de marido e

filhos, seu coração palpitava de angústia. "Ela já tem 26 anos. Ela deve estar casada."

A missa começou e ele não viu Adália entrar. Foi quando alguém se dirigiu ao altar para fazer a primeira leitura e ele percebeu que era ela.

Adália.

Sentiu-se imerso no silêncio.

Depois voltou à realidade. Ela lia alguma coisa para os participantes. Sentiu-se culpado por não prestar atenção no que ela lia: sua concentração estava toda em suas mãos, à procura de algum brilho dourado que significasse um noivado ou casamento. Não havia aliança alguma. Palpitação novamente. Ainda assim medo. Mais angústia.

A missa pareceu demorar horas para terminar e ele se achava o pior dos pecadores por não se lembrar de nada do que havia sido falado ao longo da celebração.

Todos começaram a sair da Igreja ao fim da missa e ele dirigiu-se a ela, parando à sua frente, mudo.

- Você? - Ela disse rindo meio sem jeito e sem saber para onde olhar ou o que falar – Você não mudou nada. Meu Deus... Quanto tempo... Então... então, como está? Veio passear por aqui?

A coisa mais lógica a fazer era de pronto esclarecer o porquê da interrupção das cartas. Mas o invólucro social, o constrangimento e a educação os impediram de tocar em tal assunto. Assim, eles conversaram como amigos que não se viam há muito tempo, como se nunca houvesse existido alguma carta nem uma promessa juvenil de casamento.

Ela era professora da escola pública de São João Marcos. Ela não era casada. Seu pai já falecera. Morava com sua mãe e sua irmã mais nova. E ao fim da longa conversa acertaram que, na terça-feira, Neto poderia ir buscá-la para tomar um sorvete, após a aula.

Aquela terca-feira havia sido um dia crucial na história de suas vidas. Conversaram sobre São João Marcos e Adália entristeceu-se com o rumo que as coisas estavam tomando e como isso afetaria o futuro da cidade. E, quebrada a timidez inicial do reencontro, esclareceram a interrupção das cartas:

Adália e sua mãe souberam de notícia errônea de que Francisco havia se casado no Rio e tendo recebido ainda quatro cartas depois dessa notícia, a mãe as interceptara e queimara, para que sua filha encerrasse essa questão.

Confusão esclarecida. Francisco fixou residência em São João Marcos e no ano seguinte se casaram. Em 1935 tiveram um menino. O casal se engajou na luta por preservar São João Marcos, mas o destino foi implacável novamente e a história sangrou. Em 1940, viram-se obrigados a chorar pelo fim da cidade e abandonar o berço de suas vidas. Fizeram de Valenca seu novo lar.

Deram àquele primeiro filho, com orgulho, o nome de João Marcos. Não haveria linha tracejada interrompendo a lembrança. Onde existissem recordações e memórias, a vida da cidade continuaria a existir.

O ouro perdido

Carlos Henrique do Nascimento Barros

1885

Numa quente manhã de verão, um sábado, logo após o desjejum, o pequeno Jonas resolveu explorar os arredores da fazenda sem pedir autorização aos pais – algo que ele jamais ousara fazer, em seus quase dez anos de idade, mesmo sendo seu avô o dono daquelas terras. Medo, ele tinha; contudo, o espírito aventureiro e o apelo do desconhecido foram mais fortes e levaram-no a tomar essa decisão quase fatídica.

Chapéu de palha na cabeça, caniço no ombro, bodoque no bolso de trás das calças, sem qualquer babá ou escravo a vigiá-lo, o menino afastou-se aos poucos da casa-grande. Tomando o caminho que descia até o Rio Rosário, ele passou pelo terreiro, pela senzala, por algumas casas de colonos, por extensas plantações de café, até finalmente chegar à orla da mata virgem. Dali, ele nunca havia passado. Até aquele dia.

Jonas sabia que a estradinha contornava o capão pela esquerda e que, uns quinhentos metros adiante, havia um pontilhão que permitia o acesso às intermináveis lavouras da outra margem. Como já passara por ali dezenas de vezes, naquela manhã ele tinha planos mais emocionantes.

Seu objetivo era seguir por uma trilha que passava por dentro da floresta. Os meninos da colônia haviam lhe contado que ela desembocava em uma pequena cascata, com piscinas naturais no remanso onde se podia tomar banho e pescar com segurança. E agora, bem diante dele, a entrada da trilha se abria, como uma boca escura a convidálo para a aventura.

Alguns instantes de hesitação e, tomando coragem, Jonas iniciou seu avanço pelo meio do mato. Já nos primeiros metros o garoto percebeu o frescor e a obscuridade causados pelas copas das árvores que se entrelaçavam bem lá no alto. Embora a vereda fosse bem visível, por vezes ele precisou pular troncos caídos ou se desvencilhar de emaranhados de cipós que dificultavam a progressão.

Quarenta minutos de caminhada e, finalmente. sobressaindo ao canto dos pássaros e ao som das suas passadas, o menino escutou o marulhar da correnteza resvalando nas pedras. Suas roupas já grudavam no corpo, molhadas de suor, e ele ansiou em chegar logo à cascatinha e se refrescar naquelas águas frias; por isso, apressou o passo.

Foi quando Jonas abordou uma ampla clareira junto à riba do rio que tudo aconteceu. Um rugido alto e curto se fez ouvir, vindo do meio do mato e bem de perto. Antes que ele sequer pensasse em correr, uma enorme onça pintada postou-se a cerca de três metros à sua frente, no meio da trilha, armando o bote. Totalmente surpreendido, o rapazinho ficou paralisado e começou a tremer de medo. Fechou os olhos e começou a rezar.

De repente, Jonas ouviu o grito de uma voz conhecida: - Sinhozinho, por Deus, deita no chão! - O menino obedeceu prontamente, no exato momento em que a onça atacava.

Um jovem escravo, de seus vinte e poucos anos, forte como um touro, vestindo apenas uma calça suja e esfarrapada, saiu correndo de entre as árvores e se postou ao lado de Jonas. Em suas mãos, uma lança africana, longa e delgada, com cerca de metro e meio.

O negro cravou a ponta cega da zagaia no solo, escorando-a com o pé, agachou-se e aparou o bote do animal, enfiando-lhe a ponta de metal aguda diretamente no peito. A morte foi instantânea. Um jato de sangue esguichou da fera, encharcando a ambos, enquanto a felina dava seu último suspiro.

Deixando a onça cair para o lado, o escravo ajudou Jonas a se levantar, perguntando:

- -O sinhozinho tá $b\tilde{a}o$? Mas que baita susto!
- Tião, o que você faz aqui? Se não fosse você, a onça tinha me comido!
- Essa bicha *matô* umas vaca da fazenda e o *sinhô* barão, seu vô, deu *ordi* pra eu pegá ela. Faz três dia que eu tô

aqui escondido, esperano ela vim bebê no rio!

- Bem, acho que não era hora dessa onça beber água... O que você vai fazer com ela?
- Vô sangrá e dispois levá pro barão. Antes, vamo lavá essa sangueira toda ni nóis.

Os dois desceram até o rio e se limparam na água corrente. Em seguida, Jonas viu Tião pendurar a onça pelas patas traseiras e, com a ponta da lança, dar um talho na jugular, para escorrer todo o sangue contido no corpo ainda quente. Uma enorme poça de sangue se formou no chão, sob a cabeça do felino.

Terminada a sangria, Tião colocou a carcaça sobre os ombros, não sem algum esforço, devido ao peso. Virou-se para Jonas e disse:

- Sinhozinho, pro sinhô num sê castigado, o barão seu vô num percisa sabê de nada... Eu posso falá que achei o sinhozinho no meu caminho de volta...

O garoto teve uma atitude muito nobre ao responder:

- Tião, fui eu quem saiu de casa sem avisar ninguém. Você não tem nada a ver com meu erro! Você salvou minha vida! Todos precisam saber disso!
- Como o sinhozinho quisé e partiram juntos para a casa-grande.

Ainda naquele mesmo dia, as notícias sobre a aventura de Jonas e o heroísmo de Tião se espalharam rapidamente, não apenas na Fazenda das Araras, como também na vizinha vila de São João do Príncipe. Tanto que, no dia seguinte, na Matriz, após a missa, dezenas de pessoas vieram cumprimentar o Barão e sua família, manifestando seu alívio pelo fato de a travessura não ter se transformado em tragédia.

No domingo à noite, o Barão, homem rude e exigente, mas de bom coração, mandou chamar Tião para uma conversa. O feitor acompanhou-o desde a senzala, tendo antes recomendado que o escravo pusesse sua melhor roupa para aquele encontro.

Tião foi recebido no alpendre do casarão. Escarrapachado em um sofazinho almofadado, o Barão pitava seu cachimbo de estimação. Ele mandou o negro sentar-se em um banco de madeira à sua frente e ordenou a uma das mucamas que trouxesse água. Enquanto Tião bebia, o Barão foi direto ao assunto, como era de seu costume.

- Brevemente, em nosso País, todos os escravos serão libertos. Os abolicionistas têm trabalhado ativamente na Corte e em todas as capitais das Províncias. Isso vai ser muito ruim para os negócios, mas bom para a cristandade.

Tião escutava calado, atitude humilde, olhar no chão, suor porejando na testa. Onde será que o Barão queria chegar?

 $-N\hat{e}go$, você nasceu aqui na nossa senzala e tem sido sempre um bom escravo, leal e trabalhador. Além disso, você salvou meu neto! Creio que te devo uma compensação por isso. Então, eu e a Baronesa conversamos e decidimos te conceder a carta de alforria!

Incrédulo, o escravo encarou o patrão. Será que ele tinha entendido direito? Alforria?

− É isso mesmo, Tião! Amanhã bem cedo vou à vila acertar tudo no cartório e, à noite, por essas horas, você já será um homem livre!

As lágrimas rolaram pelo rosto escuro de Tião. O que ele estava ouvindo parecia um sonho, a aspiração máxima de todo homem nascido escravo, que se dissipava na realidade de uma vida injusta e sem esperança.

− E tem mais: como sei que você não tem *pra* onde ir, vou te comprar uma casinha na cidade, onde você escolher. Coisa simples, um lugar pra você fazer sua vida, arrumar trabalho, constituir uma família. E ainda vou te dar cem onças de ouro como prêmio!

Tião não se conteve mais: sem qualquer pudor, lançouse aos pés do Barão, chorando de alegria, tremendo como uma vara verde. Sem conseguir falar direito, ele balbuciava:

- -Brigadu, sinhô... brigadu, sinhô... brigadu, sinhô...
- O Barão sorriu, contemplando a cena. Por trás da porta, a Baronesa secava os olhos. O fazendeiro deu uma tapa de leve no alto da cabeça de Tião e ordenou:
- Levante-se, homem! Controle seus nervos, pois esta é a última noite que você dorme na senzala!

Manhã de segunda-feira. Tião saiu da cama sentindo o aroma das flores do campo e ouvindo música ao longe. Era início de primavera e São João Marcos estava agitada, se preparando para a grande festa do seu bicentenário, que seria dali a dois dias. Uma das bandas municipais, ou a do Maestro Loyola, ou a do Juca Mal, tinha começado a ensaiar cedo para os bailes que prometiam varar a noite nos clubes da cidade.

Aos setenta e sete anos, Tião não conseguia mais se recordar dos sonhos que sua mente produzia à noite. Mas aquele despertar foi diferente, ou porque seria o seu derradeiro (embora ele não tivesse como saber disso), ou porque o sonho ainda estava muito nítido, passando como um filme dentro da sua cabeca.

É que, justo naquela noite, durante o sono, ele havia revivido com riqueza de detalhes os acontecimentos que tinham mudado a sua história, há cinquenta e quatro anos. O final de semana mais feliz da sua vida, em que ele salvara o pequeno Jonas das garras de uma onça e, com isso, conquistara a sua liberdade. E como seus antigos senhores, o Barão e a Baronesa de Araras, haviam sido benevolentes consigo.

Tantas coisas haviam acontecido depois! O Barão cumprira sua palavra e comprara a casa escolhida por Tião, essa mesma onde ele ainda residia – bem simples, na beira da estrada de São João Marcos para Passa Três, defronte ao Cemitério Público, de cujo terreno era separada pelo corte do Rio Araras. O ex-escravo brincava dizendo que seu funeral não iria atrapalhar a vida de ninguém, pois o trajeto do cortejo seria extremamente reduzido.

Tião conseguira emprego em uma olaria, o qual permitia que ele se sustentasse. Não muito tempo após sua alforria, ele conhecera uma mulata chamada Clara; os dois se gostaram e viveram juntos por décadas, mas não tiveram filhos. Há um lustro Clara havia desocupado o beco e Tião lamentava sua ausência todas as manhãs.

Tantos conhecidos também já haviam partido! O Barão, seu grande benfeitor, morrera de desgosto antes da virada do século, devido à queda brutal na produção de café da Fazenda das Araras, consequência da Abolição da Escravatura. A Baronesa viúva havia se mudado para a capital e, de lá, tempos depois, igualmente partira desta para melhor.

Aos vinte e cinco anos, o jovem Jonas permanecera à frente dos negócios da família. Sempre que vinha à cidade, ele tirava um tempo para trocar dois dedos de prosa e tomar um cafezinho com Tião. A história da onça era presença certa nesses encontros.

Mas, posteriormente, o governo determinara as desocupações para a construção da Represa de Lajes e os ingleses compraram as terras da família a preço de banana. Assim, já homem feito e pai de filhos, Jonas fora viver em Paraty. Se ele ainda estivesse vivo, seria um sexagenário. Como o tempo voa...

De certa forma, essas reminiscências que esvoaçavam na memória de Tião eram conhecidas por muitos marcossenses e até em lugares mais distantes, como Rio Claro, Arrozal e Mangaratiba. Mas havia algo que o ancião vinha guardando somente para si, e nem a finada Clara soubera: o destino daquelas cem onças de ouro que ele ganhara do Barão.

O fato é que, na época áurea da cidade, quando lá moravam quase vinte mil pessoas, Tião temeu ser roubado e resolveu enterrar o ouro no seu quintal. Acabou se tornando sua poupança, à qual ele sabia que poderia recorrer em caso de necessidade. Porém, fosse porque a necessidade nunca surgira, fosse porque Tião era pouco ambicioso, seu pequeno tesouro permanecia embaixo da terra até aquela data.

Esse era o único segredo da vida de Tião. E naquela manhã ele decidiu revela-lo.

Os devaneios do velho foram interrompidos por palmas no portão, acompanhadas por uma voz semi-infantil que gritava:

-Ó de casa, seu Tião! Sou eu, o Betinho!

Betinho era um rapazola de seus doze anos, magro como uma taquara seca, inteligente e muito amigável. Sua família viera de Valença para São João Marcos havia pouco tempo. O pai, um engenheiro respeitado, alugara uma casa na Rua Cinco de Julho, perto do Beco da Matriz.

Se havia alguém na cidade que conhecia as histórias de Tião, tal pessoa era o Betinho. Duas ou três vezes por semana ele procurava o idoso e pedia para contar um causo. De início, Tião sentiu-se meio incomodado com a intromissão do adolescente, receoso de que ele pudesse estar com segundas intenções. Mas, com o passar do tempo, vendo a atenção e o respeito que Betinho nutria por sua pessoa, Tião passou a apreciar suas visitas.

- Entra, Betinho! *Tô tomanu* café! Servido?
- Não, seu Tião, obrigado! Minha mãe pediu preu passar na granja e comprar uns ovos, prá modo de fazer um bolo pra festa da cidade. Como era caminho, vim vê o sinhô...

Tião abriu a boca meio desdentada e deu uma mordida. no pão, seguida por um gole de café preto: - Tudo bem, meu fio, tem pobrema não... Só assim nóis conversa um poco!

Betinho sentou-se à mesa, de frente para o amigo.

- Tem um *causo pra* hoje, *seu* Tião?

O negro olhou bem dentro dos olhos do garoto. Nesse momento, Tião percebeu que gostava dele como quem gosta de um filho. A simplicidade de Betinho conquistara seu coração e sua confiança. Por isso, ele respondeu:

- Hoje, vô te contá um negóco diferente, fio. Só que cê num pode abrí sua boca pra mais ninguém. Fechado?

Betinho fez que sim com a cabeça. E Tião compartilhou com ele sobre o ouro escondido no quintal. O rapaz não o levou muito a sério, pensou que se tratasse de algum sintoma de senilidade do velho amigo. Mesmo assim, prestou atenção a tudo que Tião dizia. E, por insistência do negro, ele repetiu por três vezes a localização do tesouro:

-Cinco passos do poço *pro* rio, uma braça de fundura.

Nesse momento, o relógio em cima do armário da cozinha bateu dez horas. Betinho se pôs em pé, batendo a mão na testa, e exclamou:

-Ixi, tenho que levar os ovos *pra* minha mãe, *Seu* Tião! Daqui a pouco ela vai me dar um pito por conta da demora! O sinhô me dá licença, mais tarde passo aqui de novo!

Sem levantar da cadeira, Tião segurou o menino pelo braço:

- Meus dia nessa terra tão cheganu ao fim! Se eu batê a pacuera, cê vem aqui e pega o ôro procê. Me promete isso, fio?
- Eu prometo, seu Tião, palavra! Dispois, nóis fala mais! Fica com Deus!

E Betinho disparou para os lados da granja. Foi a última vez que viu seu amigo vivo.

Depois do almoço, Tião se estendeu na rede para a sesta habitual. Dali não se levantou mais. O coração cansado deixou de funcionar enquanto ele dormia. Seu corpo foi encontrado por um vizinho que viera perguntar sobre uma galinha fugida. Não houve velório, e o enterro foi no dia seguinte, à tardinha, véspera do bicentenário de São João Marcos.

Betinho passou meses triste, com saudades do velho amigo. Tentou se lembrar de todas as histórias que o exescravo lhe contara e as escreveu em um caderno escolar que ele guardava com todo cuidado. Registrou até a do ouro enterrado, embora Betinho a tomasse por ilógica: se Tião realmente era dono de um tesouro, por que viveria de forma tão modesta?

Essa ideia pré-concebida o impediu de cumprir a promessa que fizera a Tião.

1943

A pequena multidão no alto da colina era bastante heterogênea. Ali, havia ricos e pobres, letrados e analfabetos, moradores da região e gente de outros países. Engenheiros ladeavam lavradores, sapateiros, funcionários da Light, musicistas, religiosos, comerciantes, donas de casa, crianças, curiosos e políticos.

Em algumas faces, os olhos marejando, a raiva incontida, o silêncio da impotência. Num morrote próximo, o cemitério público, recém-deslocado em respeito aos finados. Lá embaixo, os escombros do que um dia fora a próspera cidade de São João Marcos: sua Matriz dinamitada, as ruas destruídas, as casas dos moradores e os prédios públicos derrubados a marretadas. Difícil encontrar algo reconhecível naquele monturo.

Betinho estava no meio daquele ajuntamento. Como tantas outras famílias marcossenses, a sua já se estabelecera em Rio Claro, atendendo à ordem de despejo emitida pelo governo. Mas quando soube a data em que a cidade seria inundada, ele não resistiu ao desejo de contemplar pela última vez o lugar onde vivera parte da sua infância.

Aos poucos, as águas da Represa de Lajes foram subindo, avançando sobre as ruínas, submergindo sonhos e afogando esperanças. Betinho esticou a vista e tentou visualizar uma construção em particular. Logicamente, as paredes caiadas de branco e as portas e janelas de madeira pintada de azul já não mais existiam.

No instante em que as primeiras marolas atingiram o ponto onde ele pensava ser a casinha de Tião, Betinho sentiu uma lágrima teimosa rolar pelo seu rosto. Em voz baixa, ele falou consigo mesmo:

- Cinco passos do poço pro rio, uma braça de fundura... Descanse em paz, amigo Tião! Nunca me esquecerei de você!

E assim, as cem onças de ouro com que o Barão de Araras presenteara um escravo alforriado, de cuja existência Betinho sempre duvidara, ficaram perdidas para sempre.

Ou não...

Os deuses invadem a terra

Iober Rocha

O acontecimento, que abalou a pequena cidade de São João Marcos, no interior do Estado, ocorreu muito antes de a mídia mundial começar a divulgar, incansavelmente, casos de contatos de primeiro, segundo e terceiro graus, com seres extraterrestres ou, até mesmo, episódios de abduções por naves alienígenas. Os únicos seres que poderiam almejar descer dos céus, conforme a crença local admitia, eram os anjos que o padre da antiga igreja, construída pelos primeiros desbravadores do sertão, não cansava de elogiar em suas pregações aos domingos e dias santos. O núcleo que originou o município surgiu ao redor da capela dedicada a São João Marcos, à beira do caminho velho para Minas Gerais.

A cidade estava situada em uma posição privilegiada, quando da expansão cafeeira no Vale do Paraíba Fluminense.

Há muitos anos, naquele lugar longínquo onde a televisão ainda não havia chegado, os jornais saiam quinzenalmente e a rádio local apenas irradiava as palavras do vigário e uma ou outra música sacra – dentre as quais a mais tocada era a Ave Maria – era praticamente impossível uma estória como aquela que vou lhes contar, por dela haver participado como um dos coadjuvantes, não ser integralmente verdadeira e aceita sem questionamentos pelos habitantes locais.

O fato que passarei a narrar ocorreu antes da cidade ser desocupada e todas as edificações destruídas, para que não houvesse retorno da sua população e a ocupação das casas, em razão da inundação da cidade e de fazendas ao redor. objetivando o aumento da capacidade da Represa de Ribeirão das Lajes.

Meu pai, em razão de grave revés financeiro sofrido em decorrência da comercialização de produtos "piratas", isto é, falsificados, mudara-se com toda a família para aquele

município (que possuía alguns garimpos de ouro e de pedras preciosas, bem como fazendas dedicadas ao café e à produção agropecuária), objetivando entrar no ramo da exportação clandestina de pepitas de ouro e daquelas pedras e, com isto, recuperar o seu anterior patrimônio perdido.

A casa onde fomos residir ficava às margens do Ribeirão das Lajes, que, embora manso, na época das chuvas tornava-se caudaloso e avançava até quase o nosso quintal.

Em uma casa vizinha à nossa residia uma família de gaúchos, que também fora para aquela região alguns anos antes, buscando tentar a sorte na agricultura. Possuíam duas filhas, uma com dezessete anos e a outra com dezoito. As meninas eram lindíssimas; tinham belos olhos verdes, cabelos louros e corpos que eram olhados com inveja pelas outras mulheres e com cobica por todos os homens do local. Sabedoras do valor intrínseco que possuíam, em uma terra onde o tipo físico predominante de mulher era o da cabocla ou da cafuza, vendiam bem caro os seus olhares brejeiros àqueles pobres jovens locais, que as assediavam em suas incansáveis disputas.

Entretanto, por força dos hormônios próprios daquela idade, eram vistas, muitas vezes, suspirando pelos cantos e folheando uma ou outra revista que lhes caia às mãos, com fotos de artistas de cinema, de cantores ou de atletas de qualquer modalidade esportiva.

Em uma manhã nublada, após uma noite chuvosa com muitos raios e trovões, quando o nível do rio subira quase alcançando a cerca do terreno da casa delas, seus pais, ao entrarem no quarto que ocupavam as meninas para acordálas, constataram que as mesmas haviam desaparecido. Procuraram-nas, primeiro pelas vizinhanças, com o auxílio de amigos da família e de admiradores das moças; depois, por todo o município, com o auxílio da polícia. Haviam desaparecido totalmente.

Parecia que ambas tinham sido conduzidas dali para local desconhecido, sem deixarem nenhum vestígio ou marcas. Suspeitou-se de assassinato, de rapto ou, até mesmo, de fuga. Entretanto, por mais que o povo da cidade

especulasse a respeito, seus pais não viam qualquer motivo para nenhuma das hipóteses levantadas.

Instadas pelo padre e pela congregação de beatas, foram feitas inúmeras novenas milagrosas, rogando aos céus pela volta das duas lindas jovens.

Eu, como jovem vizinho e admirador fervoroso de ambas, que costumava espioná-las tomando banho de rio, quase desnudas, participei, voluntária e incansavelmente, de todos os esforços promovidos para encontra-las, pois ainda não havia perdido as esperanças de, algum dia, vir a desfrutar do interesse e dos favores de alguma delas.

Por fim, com o passar do tempo, todos assumiram que elas, realmente, haviam desaparecido misteriosamente, para não mais voltar.

Tendo passado oito meses da data do sumico das jovens, em uma bela manhã de sol as duas apareceram no centro da cidade, cada uma carregando uma pequena maleta na mão. Vinham da direção da fazenda de propriedade de dois irmãos, solteiros e ricos, que plantavam café para exportação. Traziam, além das pequenas maletas, duas enormes barrigas, indicando que ambas estavam já pelo oitavo ou nono mês de gestação.

Em casa, na presença dos pais, do padre e de diversos moradores, puderam, finalmente, contar uma fantástica estória sobre o que lhes havia ocorrido. Segundo relataram. envergonhadas e cabisbaixas, naquela noite de chuva forte, repentinamente, o quarto onde dormiam havia sido iluminado por uma intensa luz, que as cegou momentaneamente. Com a diminuição gradativa da intensidade da luz, puderam ver dois anjos que as convidaram a visitar a morada dos deuses. Os anjos fizeramnas entrar em um veículo prateado que, a uma velocidade incrível, as havia conduzido para uma terra distante, em um local do céu para elas totalmente desconhecido. Naquela terra tudo era diferente do que conheciam. Embora só tivessem ficado poucos dias visitando aquele local, os anjos lhes informaram que no lugar de onde tinham vindo já havia transcorrido vários meses, em razão do fenômeno físico da relatividade espaço-temporal.

Ao conduzi-las de volta para a Terra, afirmaram que o crescimento de suas barrigas, que elas já haviam notado, era normal e devia-se a um fator gravitacional que acometia a todos os viajantes espaciais. Com o passar do tempo o inchaço das barrigas desapareceriam. Disseram, também, que os deuses, dentro de mais alguns dias, enviariam dois bebês para que elas cuidassem, com vistas a observar se aqueles pequenos filhos de divindades se adaptariam à vida em nosso planeta.

Seus pais, muito religiosos, se ajoelharam para orar em agradecimento, no que foram seguidos pela multidão de trabalhadores rurais e de garimpeiros, que a tudo assistia. O padre, demonstrando certo ceticismo, deu início a uma oração em louvor, que foi rezada por todos os presentes naquela ocasião.

Os bebês, que chegaram poucos dias depois, eram (segundo opinião daqueles que os contemplavam) muito parecidos com os dois ricos fazendeiros locais; os quais, rapidamente, prometeram ao padre mandar erguer, em suas terras, uma capela em agradecimento aos deuses por aquela deferência de enviar dois bebes anjos tão parecidos com eles.

Certa ocasião, meses depois, eu realizava um pequeno trabalho a pedido do pai das jovens no sótão da casa deles, quando, ao abrir um baú cheio de velharias, encontrei o livro de um autor inglês, traduzido para o português, com uma estória muito parecida com aquela do depoimento que ouvira relatado pelas meninas.

Muito religioso, imediatamente pensei, fazendo contristado o sinal da cruz: "Milagres realmente acontecem. Quando os Deuses querem, até mesmo a ficção pode se transformar em realidade!"

Ruínas das águas

Hector Lúmen

- –É uma cidade?
- Morta, uma cidade morta.
- Como se mata uma cidade?
- Tombando... Destombando... Demolindo... Explodindo...
- -Nossa!
- -Com água.
- -Hã!
- -É, com muita água.
- Então é uma cidade afogada?
- Mais ou menos.
- Mais água ou menos água? Fala direito, garoto.
- -Mais
- Você não tira o olho do chão.
- -É o quê?
- -É com poder também, meu pai me disse.
- Poder? Como assim?
- Meu pai disse que essa doença matou a cidade.
- Poder? Já sei. Um gigante acabou com a cidade, não é? Pegou seu martelo e quebrou pedra por pedra, e o que não caiu, ele explodiu, tudo assim, olha.
- Para de bobeira, eu vi esse filme. Meu pai disse que foi com uma canetada só. E o cara não era tão grande assim, era até meio baixinho. É caneta, entende?
- Sei. Seu pai sabe tudo, hein! Minha mãe tem uma caneta muito bonita e fala também o tempo todo. Mas... Uma caneta faz tudo isso?
- Sei... Meu pai não fala o tempo todo. Você não entendeu nada. Com modernidade, energia elétrica, coisa grande, entende? Você é uma menina.
 - Ah, tá. Você falou caneta, não foi? Você tem muita

imaginação, não é? Caneta, água, poder... Você não tá bem, tá?

- Cê acha? Não sei. Não consigo controlar. Só isso.
- Controlar o que?
- -A minha cabeça, às vezes, não para sossegada.
- Entendo. Sua cabeca viaja, não é? Por que você olha só para o chão? - Juliene disse isso quase aborrecida, se colocando na frente dele.
- Olha aquela pedra ali! Ele saiu correndo antes que ela pegasse na sua mão de novo. Isso o deixava meio nervoso.
- Ei, espera, Luis ela saiu em disparada tentando alcança-lo.
- Essa pedra aqui. Venha ver Ju. É uma estrada. Isso é uma estrada! – Ela adorava quando ele a chamava só de Ju. Quando estava com raiva era Juliene com todas as sílabas bem pronunciadas, para a raiva caber bem em cada pedacinho do seu nome.

Quando ela o alcançou, disse ofegante: "Não... Isso é um monte de nada jogado em lugar nenhum." Ele ouviu e até gostou da frase, disfarçou o sorriso, mas continuou sua caçada por esse lugar cheio de pedras estranhas. "As mulheres são muito engraçadas", o menino com ares de gente grande quase pensou isso.

Eles tomaram o caminho do bambuzal. Um túnel verde. Os bambus cercavam aquele pedaço da estrada, se entrelacando num arco onde o sol descia nas folhas verdes por fios amarelos. O riacho ao lado trazia o som do caminho das águas sobre as pedras. O caminho de pedras largas, o caminho do ouro e do café. Chegaram do outro lado da estrada que se abria para as ruínas já sob o sol pálido do final de tarde

- Ouem é ela? Juliene apontava, enquanto Luis tirava mais uma vez os olhos do chão. O sol se punha entre o que sobrou de duas colunas.
 - Não sei. Vamos lá ver.
 - −Não, a gente não sabe quem é.
- −É por isso, sua boba. Se não sabemos, é porque temos de saber.
 - −O quê? Já tá ficando tarde!

- -Corre!
- -Espera!

Luis chegou primeiro que Juliene, mas de repente ficou mudo, não sabia mais o que falar ou o que procurar. É sempre assim quando achamos algo. Tudo para, se cala. Então Juliene falou.

-Oi.

A mulher sorriu seus dentes generosos. Sentou na pedra maior ao lado das colunas, afastando lentamente a saia branca. Sentada, era como se continuasse em pé. A elegância da autoridade sobre o corpo, sobre cada movimento. Os meninos se sentaram em frente a ela. Não desgrudaram os olhos.

- De onde a Senhora é? − perguntou Ju.
- -Daqui.
- -Daqui? Daqui onde?
- Vocês estão vendo aquela marca ali no muro? A água chega ali de vez em quando. Nossa Senhora da Conceição, nos valha.
 - A Senhora não disse onde mora. falou Juliene.
- Você está com frio, menino falou a mulher de pele negra olhando para Luis que esfregava os braços. Anoitecia.
- Ele tá sim. Eu também. Tá ficando tarde, Luis, vamos embora.
 - Não − ele resmungou, afastando a mão de Juliene.
- Vou dar um jeito nisso. disse a mulher. Então, começou a esfregar as mãos lentamente uma contra a outra e foi acelerando aos poucos, depois bateu uma palma e soprou dentro.
- Venha cá, menino, toma um pouco de calor. Falou e passou as mãos desde a cabeça até as pernas de Luis.
 - -Como se sente agora?
 - −O frio foi embora.
- Eu também quero disse Juliene, se colocando na frente da mulher num pulo. A mulher repetiu a mesma coisa para Juliene.
 - −Nossa, eu *tô* até com calor agora.

Luis tomou coragem e destravou a língua: – Você mora aqui, como assim? Qual o seu nome? Não tem mais nada aqui. As águas destruíram tudo.

- Não foi a água. Foi o fogo. Ela disse isso com um olhar distante. Num movimento suave e rápido ajeitou a saia e se levantou espantando a tristeza que rondava a lembrança. O barulho do colar parecia o de mil contas brancas em contraste com seu corpo negro sobre as pedras. O movimento rodado da saia provocou uma ventania na mata e os pássaros revoaram. Os dois meninos se abraçaram assustados com os olhos arregalados.
- Não figuem assim. É só a Mata. Às vezes, ela fala com a gente.
 - -Quem? A Mata?
- Sim. A Mata, o vento e todo esse lugar podem falar. Tudo pode falar se você sabe ouvir. Escutem! – ela colocou o dedo sobre os lábios pedindo silêncio e os meninos aguçaram os ouvidos.
- Não ouvi nada até agora sussurrou Ju no ouvido de Luis.
 - Ouieta, eu tô tentando ouvir.
 - -Tomem. Coloquem juntos.

Ela colocou o grande colar de contas brancas em volta do pescoço de Luis e Juliene. Admirados, eles ouviram as pedras contanto as suas histórias, muitos sons, pessoas, muitas pessoas falando, gritando, chorando. Uma igreja dourada, reluzente, apareceu na frente deles. Outra igreja perto do cemitério. Eles tiraram o colar assustados, devolvendo-o à mulher.

- Vocês viram? ela disse com um olhar malicioso de desafio aos meninos.
 - -Vimos falaram os dois ao mesmo tempo.
 - -As pedras contam as suas histórias.
 - Eu sabia.
- Sabia nada, só ficava olhando as pedras porque tem a cabeca meio oca. Tudo entra nessa caraminhola - falou Juliene interrompendo Luis que continuou.
- Meu pai me falou que quando eu ler a montanha dele de livros e os que tão dentro do computador também, eu entenderei as coisas. Mas ele nunca me disse nada das vozes

das pedras.

- Minha mãe também fala muito.
- Meu pai não fala muito JU LI E NE.
- Isso não o fará ouvir as pedras, disse a mulher com carinho.
- -Mas elas parecem tão silenciosas Luis falou com tristeza e Juliene pensou antes de falar que sua mãe era o contrário de uma pedra, mas ficou com medo da raiva de Luis.
- − Os livros é que são mudos. Só dizem o que os cegos ditaram a eles. As pedras é que falam de verdade.
 - Você está mentindo!
- Não fala assim, Luis, você nem sabe o nome dela. Olha, ela até esquentou a gente.
 - Mas ela tá mentindo. Meu pai não me falou nada disso.
 - Mas a gente viu, Luis. Lembra?
 - -É...
- A minha mãe... Juliene parou no meio da frase, não era o momento.
- As pedras falam melhor que os livros. O olho é o engano do coração.
- Mas pedra não tem coração disse vitoriosa a menina. A mulher soltou uma risada larga, rodando mais uma vez a saia. Dessa vez eles ouviram atabaques dentro da mata e se encolheram mais uma vez.
 - Não tenham medo. É só o coração da Mata.
- Luis, Juliene, onde vocês estão? Vamos embora, já está na hora.
- É o meu pai. Vou chamá-lo para ele contar a história daqui pra você. Ele sabe tudo daqui – os olhos de Luis brilhavam.
- Figuem com essa pedra aqui e vejam o que ela lhes mostra – eles pegaram a pedra da palma clara da mulher.
 - -Luis, Juliene!
 - -Aqui, pai!

Ouando os meninos voltaram o olhar buscando a mulher, só viram o breu da mata silenciosa e a mulher desaparecendo dentro dela com sua saia branca.

– Ei, aonde você vai? Aí *tá* escuro, volta! – Juliene gritou.

- -O que foi, Juliene? − disse o pai de Luis.
- Nada não.
- Vamos embora, vocês dois já ficaram muito aqui. Amanhã, nós voltaremos. Vamos!
 - Pai
- Vamos, Luis, vamos entra no carro, tá frio, a gente conversa amanhã. Vamos para o hotel tomar um bom banho. Vocês estão precisando. Juliene riu.

No carro, Luis segurava aquela pedra branca e adormeceu. No outro dia o pai de Luis acordou cedo.

- -Acorda, vamos, Luis. Anda logo, temos pouco tempo para voltar ao Parque. Eu preciso terminar o trabalho hoje.
 - Pai, olha, eu queria lhe contar uma coisa.
- Depois, vamos. Temos que pegar a Ju e a mãe dela na porta do hotel.

A pedra. Luis se lembrou da pedra. Onde tinha deixado? Ah, dentro do tênis. Pegou e colocou na mochila.

Na estrada, todos falavam e anotavam coisas quando Luis chamou Ju num canto e mostrou-lhe a pedra.

- Deixa eu pegar também.
- Depois. Eu não tô vendo nada. Será que só funciona à noite?
 - −É, deixa eu ver.
 - -Não...

Quando Luis apertou a pedra de verdade nas mãos, protegendo-a de Juliene, começou a ver uma mulher gorda com uma cesta enorme de pão, e a sentir um cheiro delicioso de pão feito na hora. Ela colocava os pães em um forno enorme.

- -Pai, olha, aqui é uma padaria...
- Pode ser meu filho, temos que pesquisar. Vamos embora.
- Mas é, pai, eu tô vendo. A mulher está carregando os pães frescos, assados.
 - $-T\acute{a}$, bom, vamos andando. Juliene caía na gargalhada.
- Você não entende. Alíás, só meninas entendem isso, se é que quer saber. Só você tá vendo. Ele não tem a pedra, seu bobo, e nem quer uma.
 - -Olha aquela carroça!

- Deixa eu ver, me dá a pedra um pouquinho.
- $-T\acute{a}$ bom, toma.
- -Olha, eles estão colhendo o café!
- Vamos, vocês dois, não fiquem para trás disse o pai do menino.

Os meninos correram e pararam em cima da ponte em arco, olhando a água que passava por baixo.

- Olha as mulheres lavando roupa quando Ju gritou, a pedra caiu dentro do rio.
 - -A pedra! gritou Luis que quase pulou atrás dela.
- Caiu, não tive culpa defendeu-se Juliene, mas Luis não tinha nem vontade de brigar. Seus olhos como que caíram nas águas do rio também e se molharam com duas lágrimas pequenas.

Quando olharam para o outro lado do rio, avistaram a mulher da tarde/noite anterior. Ela sorria para eles aquele sorriso branco. Eles correram alvoraçados para ela e abraçaram a sua grande saia.

- -A pedra, a pedra caiu.
- Fui eu, eu deixei a pedra cair Juliene se desculpava com dor.
 - −Não tem importância.
- Você vai nos dar outra. Seu colar tem muitas outras, não é?
- Não, não posso. Minha mãe, rainha das águas, não gostaria nada disso. As pedras sempre caem nos rios, elas voltam para eles sempre. Não podemos mudar isso.
 - Mas ela estava nos contando a história...
- A história sempre se perderá, ela sempre esteve escondida em águas profundas que só o coração pode ver. Mas o importante é que vocês viram.
 - Mas ninguém saberá falou Juliene.
- −É verdade, a história pode se perder, as coisas podem se perder e nunca serem encontradas.
- Não, as coisas são sempre encontradas, meu pai sempre encontra tudo!
 - −E minha mãe não para de falar.

A mulher sorria e abraçava os meninos e disse aos

dois: – Então olhem pela última vez. – Ela estendeu os braços e a cidade estava lá viva, inteira dentro do rio, com suas ruas, igrejas, teatro e sua vida de quase duzentos anos. Os meninos chegaram até a beira do rio. Mas, de repente, tudo se turvou e era o rio calmo de novo. Então ouviram aquele riso largo da mulher atrás deles. Olharam para trás: – Lembrem-se, tudo pode se perder de verdade, até uma cidade pode morrer. É preciso que vocês procurem pelas pedras que saibam falar. — Depois disso, caminhou na direção da Mata.

- Volta! Como se chama? os meninos gritaram juntos e a mulher olhou ainda uma última vez.
 - Isso também se perdeu.

Sede

Daniel de Lima Fraiha

- A morte vem lá, meus amigos. Vem assinada com tinta oficial e papel timbrado.

O rosto do prefeito mostrava o profundo desalento dos que não mais anseiam por nada. A sobrancelha esquerda caída era a marca da falta de esperança, e o ar continuava pesado como as paredes que viriam no chão.

- Senhor prefeito, não podemos apelar a alguém mais? - perguntou um dos membros remanescentes do conselho.
- A Deus, Petrônio. Só a Deus. Peçam a todos que rezem ajoelhados. Agora, só um milagre. – A última edição do jornal local sairia em poucos meses, mas a manchete que ficaria para a história seria a da manhã seguinte: "Surge a nova Atlântica brasileira". Abaixo, o subtítulo era quase um grito de guerra poético, à beira do silêncio fatal: "Nunca morrerás, brava São João Marcos. Sob as águas, erguerás o céu".

Apesar da grandiloquência das palavras, o desespero e o desamparo eram os dois sentimentos mais presentes entre os cidadãos da pequena cidade. Nas esquinas, nem o vento soprava mais. As crianças não compreendiam detalhes, mas sabiam que algo muito errado estava acontecendo. Por osmose aeróbica, ou pela simples capacidade infantil de sentir o mundo, eram elas também a imagem do não-futuro. Sem correrem nem fazerem arruaça, cabisbaixas sob as sacadas das varandas, ostentavam no rosto a desesperança mórbida de uma cidade condenada.

O decreto veio a galope, trazido pelo emissário oficial do governo. Estava oficializada a ordem para abandono das casas e de todas as construções, que deveria começar em seis meses. Nas pomposas palavras do documento, era o "... o aventuroso avanço da modernidade, amparado nas suas mais edificantes obras, que, pelo ordenamento do destino divino e humanitário, escolheu com grande honra o auxílio

voluntário do povo de São Marcos, para a inexorável e benevolente ampliação da Represa de Ribeirão das Lajes".

Reunido apenas com seu assessor e amigo Carlos Ferreira, o prefeito poderia ter escolhido vários pontos do texto para ressaltar sua indignação, como "aventuroso", "destino divino e humanitário" ou "voluntário", que certamente apenas serviam de empulhação retórica. Mas o que mais incomodou foi outra parte:

- Nem o nome todo da cidade esse desgraçado escreveu. Não se deu nem o trabalho de entoar o canto do defunto que produz...
 - -Posso levar uma mensagem ao presidente, prefeito?
 - -Sobre?
- − A alegria do povo de São João Marcos com a fartura de água que há de vir.
 - −É piada, Carlos? Ainda tem senso de humor pra isso?
- Não é piada, prefeito. É alegria genuína. Ele sentirá o mesmo preenchimento no peito. Prometo.

Era 1943 e, apesar dos tempos de guerra, o acesso ao gabinete presidencial era aberto a cidadãos que fossem tratar de assuntos atestados como de interesse nacional. Carlos Ferreira foi anunciado na entrada do Palácio do Catete e pouco depois foi encaminhado à sala de Getúlio, com recomendações de que vinha ali um enviado de São João Marcos, a cidade que o presidente acabara de sentenciar a virar reservatório de água.

- Venha lá, meu jovem.
- Boa tarde, senhor presidente. Obrigado pela gentileza de me receber.
- Sente-se. Ao que posso prestar os serviços de trabalhador do povo?
- Com todo respeito, senhor presidente, o maior serviço que se pode prestar ao povo, no momento, seria deixar-lhe manter sob seus pés a firme terra que lhe serviu de berço. Temos em nosso seio, na bela São João Marcos, o uivo do peito ardido e a lágrima seca da carnica exposta. Uma terra que até outrora era umas das joias do império, agora jaz como mera fruta podre a servir de adubo.

- Caro jovem, entendo seu sofrimento, mas a nação depende dos sacrifícios de alguns em nome de todos. Um país não avança se não souber cortar na própria carne quando necessário.
- Tampouco respira se lhe cortam os pulmões, sequer levanta se lhe arrancam o coração, também não forma uma palavra se lhe perfuram o cérebro. Não se pode dilacerar um membro do corpo como se lhe fosse devida uma unha, senhor presidente.
- Desculpa-me, meu jovem. Não há mais o que fazer. Desejo-lhe boa sorte com o futuro, ainda tem muito pela frente. O tempo cura as dores da juventude.
- Não são as rugas ausentes do meu rosto que fazem o meu sofrimento menor do que o dos anciãos, senhor presidente. – disse, virando-se para ir embora. Quando chegou à porta, parou por um momento, voltou-se para trás e finalizou o discurso em tom sombrio: - Espero que a maldição de São João Marcos não se espalhe sobre o seu caminho. Getúlio fitou-o por um tempo, ameaçou falar alguma coisa, mas Carlos virou-se novamente e foi embora, sem olhar para trás.

Os dias que se passaram foram de correria para todos os lados na cidade de São João Marcos. Ricos e pobres, cultos e ignorantes, ateus e cristãos, todos seguiam lado a lado, rumo vago da falta de destino. Uns buscavam terras altas no entorno da região, outros fugiam para pontos distantes do país, mas nenhum conseguia sentir em si a sensação de que acharia um lar. A grande maioria, ainda sob o impacto da informação que lhe caíra como um raio na cabeça, não tinha tomado nenhuma providência. Apenas vagava de uma ponta a outra da cidade que se antecipava fantasma.

A sétima manhã após a chegada do decreto foi acompanhada do toque de trombetas sincronizadas a cada dez segundos. Os moradores, assustados, se questionavam se já era o sinal da água, vindo. Aos poucos, todas as portas foram se abrindo, em sequência ao desfile de cavalos que passavam pela cidade. Para o espanto dos que chegavam à rua, não se tratava de oficiais da capital, mas membros da própria sociedade local, vestidos com suas melhores roupas e estendendo os brasões das antigas famílias.

Depois que as casas já tinham se esvaziado completamente, com toda a população atendendo à convocação inusitada, os seis mil moradores remanescentes do povoado se concentraram na praça principal, á porta da igreja da Matriz.

À frente do séquito dos cavaleiros, Carlos se postava como líder de uma cruzada imaginária. Aprumou-se no ponto mais alto da esquina, onde todas as vistas poderiam alcançar-lhe os olhos, e iniciou um discurso inflamado:

- Povo de São João Marcos! Irmãos e irmãs de um futuro que se desenha naufragado! Não deixemos a nau afundar em plena terra verde. As raízes de nossa alma não podem ser afogadas por uma água que não vem dos céus. Travemos a batalha de Noé contra um Estado que se pensa Deus, mas que não age com sua grandeza. Um Estado que inunda de treva vidas cheias de luz. Não seremos uma Atlântida que só existe na imaginação. Sejamos a força da humildade que derruba os gigantes!

A fala calculada e emocionada contagiou aos poucos o povo reunido, que começou a se agitar, pulmões arfando, mas ainda sem foco. Ao que Carlos continuou:

− O que proponho a vocês, meus irmãos, é que, a partir de hoje, se inicie uma luta pela nossa dignidade. Se não souberam nos ouvir, se não quiseram nos considerar, nos façamos respeitar pela força! Vamos pra guerra!

Ao fim da segunda parte, o povo agitado agora sentia um misto de sensações. Entre a revolta legítima e o medo do destino, ficaram todos sem ir nem voltar. Um passo adiante não seria dado sem explicações mais racionais do que se pretendia. Percebendo o esfriamento dos ânimos, o assessor do prefeito logo retomou as palavras:

- A minha ideia é simples, caros irmãos. Não pretendo a loucura de atacar a capital. Também não imagino proclamar a independência em relação a um país que sabemos imenso. Mas que seja levada adiante a luta contra a muralha de pedra que sobe para nos fazer descer. Temos seis

meses para deixar nosso berço, ou temos seis meses para erguer nossos braços. Somos mais de seis mil, caberemos em dez embarcações bem estruturadas. Temos construtores, temos marinheiro, temos matemático e conhecedores das ciências da natureza. Vamos à frente, dia e noite, em busca desse novo episódio de glória da nossa bela terra!

 Viva São João Marcos! – ressoou o grito do povo, repetido mais algumas vezes em coro.

As semanas passavam e cada minuto era valioso como ouro para os habitantes que se agarravam àquele fiapo de energia. Crianças e velhos, mulheres e homens, todos trabalhavam juntos, 24 horas por dia, divididos em turnos contínuos, para que os pequenos navios ficassem prontos a tempo.

Os materiais precisavam ser trazidos em pequenas cargas, vindo de diferentes partes, para não chamar a atenção da capital. Desde o primeiro dia, um grupo especial ficou responsável por montar os canhões, que precisaram ser contrabandeados do arsenal de um estado vizinho. A cidade vivia um misto de ânimo e ansiedade crescentes, que não ousavam contestar o objetivo comum ou encarar as probabilidades de sucesso.

Apenas um senhor, que passava dos 80 anos, servia de agourento realista. Sentado em sua cadeira de balanço, na varanda de uma pequena casa de madeira, Agenor era um dos moradores mais velhos de São João Marcos e o único que não se envolveu na cruzada quixotesca, assim como o único descrente que não deixou a cidade. Todas as manhãs, quando lhe perguntavam se resolvera ajudar o povo a lutar, dizia impassível: "Vou assistir bebendo água".

Os avanços eram espantosos e as embarcações já passavam dos 18 metros de altura quando a notícia começou a se espalhar. Inevitável corrida de um fato tão inusitado que, quando iniciou a carreira, varou o país em pouco tempo. Faltava uma semana para o esgotamento do prazo e apenas o encaixe de alguns canhões para a finalização da obra, quando o Palácio do Catete tremeu de vez.

O presidente foi aconselhado a deixar o caso com

algum ministro ou enviado especial, mas quis cuidar pessoalmente da situação. Acostumado a ser erguido nos braços do povo, achava que tinha chances de ser bem recebido também por ali. Em cinco dias organizou a comitiva. Em paralelo, mandou o comandante das forças militares preparar uma operação de guerra, que ficaria à espreita, caso algo não saísse como o esperado.

Numa quinta-feira partiu em direção a São João Marcos. No mesmo dia a cidade já sabia de sua vinda e, pelo histórico do poder político nacional e pela crença de que ainda tinham chances de sensibilizar o chefe do país, decidiram espera-los na praça principal, todos reunidos, deixando os navios quase que inteiramente desguarnecidos.

De longe, a cena era dantesca. Dez navios de médio porte encalhados numa terra verde e distante da vista do mar. Naus de um poema romântico erigidos sobre uma relva real, distribuídas em círculos, apontando alguns canhões mambembes para todos os cantos.

Quando Getúlio chegou, a cidade inteira estava de peito estufado. Jovens achando que mudariam o rumo da história, os de meia-idade revigorados por uma lufada de aventura e os idosos empenhados em garantir um resquício de dignidade, acreditando num futuro nostálgico. O presidente, calmo, chamou Carlos, o líder do grupo.

- Qual o objetivo disto, rapaz?
- É manter o que é nosso por direito: nossa terra, nossa casa.
 - -A que custo?
 - −Ao que for preciso.
- Jovem... Não seja irresponsável. Colocar milhares de pessoas em risco, fazer parar a capital da República? O que é isso?
- Eu fui falar com o senhor, presidente. Se tivesse me ouvido, nada disso seria necessário.
- Necessário é o bem geral da nação disse categoricamente. - Todos aqui estão de acordo com esse plano sem cabimento?

Olhou em volta e viu todos os olhares fixos, firmes,

assentindo, Apenas o senhor de 80 anos, que estava sentado na cadeira de balanço bem à frente de onde se postara Getúlio, manteve-se quieto, com a vista para baixo. A expressão facial contrariada faz o presidente ver ali uma possível brecha. Sem titubear, dirigiu a palavra ao velho:

- Diga-me, caro senhor, o que acha disso tudo?
- -É a sede, senhor presidente.
- -Não compreendo, caro amigo...
- O senhor tem sede, presidente. Os jovens têm sede. Acontece isto.

Da multidão, veio um grito, seguido de outros parecidos: "Está gagá!", "O velho não sabe de nada!", "Esse aí já está trocando palavras!".

Sem se perturbar, Agenor continuou: - Vocês vão brigar pra ver quem grita mais alto. O Estado vai sufocar a garganta seca, os pequenos vão se resolver em lágrimas e a sede vai apontar outro caminho. Enquanto isso, vou assistir bebendo água.

Getúlio desistiu do diálogo e pediu ao povo que tivesse um pouco de consciência. O Estado prometia alojá-los em qualquer parte. Alguns aceitaram, enquanto a maioria, incluindo a juventude em massa, disse que não arredaria o pé. O presidente entrou em seu carro e rapidamente sumiu da vista dos presentes.

Quando começaram a se dirigir aos postos estabelecidos, tropas aos montes apareceram cercando a cidade. Tanques especiais apontavam as armas para os navios, aviões sobrevoavam a região e rapidamente as forças militares prenderam quase todos os cidadãos. Um grupo de pouco mais de 300 conseguiu se enclausurar nos navios, apontando os canhões para onde dava. Três tiros chegaram a ser disparados, mas não acertaram nenhum alvo além de árvores e gramados abertos. O mais bem apontado passou a 200 metros de um dos tanques. A falta de preparo militar e a tensão do momento fez com que não conseguissem aprontar um novo ataque. Do alto, caíram algumas bombas bem calculadas, que acertaram em cheio três navios. Doze mortos instantaneamente. Assustados, os garotos correram para fora levantando os braços. Era a redenção encurralada. Uma bandeira branca que nunca chegou a ser hasteada.

No meio da confusão, ninguém viu o senhor levantar da cadeira de balanco e ir para dentro de casa. Ali se deitou e apagou as luzes. Trancou a porta e ficou esperando. Em pouco tempo acabaria de vez com a própria sede. Seria com água, nada melhor que isso, o encerramento da eterna chaga humana que sempre lhe acompanhou.

Longe dali, Getúlio continuaria por uns dois anos tentando entender o que velho tinha dito naquele fatídico dia. Nunca conseguiu. Mas as palavras ficaram na mente até o fim. Poucos sabem, mas a carta-despedida do presidente, encontrada em seu quarto, tinha um rasgo no fim da página. Ali, parte extirpada por seus defensores, jazia seu único meaculpa. Em poucas palavras, pedia perdão pela sua fraqueza na decisão que afundou a província. "Não se pode apagar um incêndio de corações. Tampouco se pode afogar o espírito de uma cidade. Talvez nesse tempo, por um ato pouco sensibilizado, a razão me tenha cegado a vista do horizonte humano. Por isso, peco perdão ao povo de São João Marcos. Que a terra seca possa um dia voltar a lhes servir de berço e saciar a sede de uma nova juventude."

Sobre batons e ruínas

Tarsila de Carvalho Fonseca

Queria fotografar ruínas. Halina disse que a cor do batom da modelo combinava com o sol de São João Marcos. Ela tinha escolhido a locação no parque arqueológico e ambiental. Escolhia tudo. A melhor luz, maquiagem, figurino. Uma velha de sucesso. Produtora de uma revista de luxo. Comandava uma equipe de cinco pessoas com o mesmo rigor militar de uma tropa de centenas de soldados.

Era boa comigo. Muitas chances depois daquela exposição de arte. Falava do meu talento. Alisava minhas costas. Ainda bem que era lésbica. Nunca gostei de ir para cama com velhas. Nunca. Sou homem, eu sei. Sabia pouco daquelas ruínas. Na troca de roupa, a modelo deixou um dos seios à mostra. Magro. Em breve, ruínas. Como o corpo de Halina. Lembrei que uma vez vi minha avó nua. Era estranho pensar nisso naquele momento. Velhice, corpo, nudez. Era a marca do meu trabalho. Fotografar, cada pedaço de imagem.

Estava ansioso com a proposta de morar na Alemanha. Queria estudar, viver em outro país. Quando criança sonhava com isso. Via neve, lugares cinzas e queria tudo isso. Todo frio. Frio. Estava frio. Mesmo com sol. A modelo encolhida pediu para fazer uma pausa. Eu também estava cansado. De clicar. Verificar o celular a todo instante. Será que a vaga era minha? Halina ria. Era preciso segurar a ansiedade. Era preciso pagar as contas. Correr contra o relógio. Trinta anos de idade e o máximo de distância percorrida por mim foi do Rio de Janeiro até Buenos Aires.

Ao mexer em uma pedra, Halina perguntou se eu gostava de história. Respondi que na época de criança me dava dor de cabeça ler demais e decorar nomes. Ela riu. Disse que o passado não era decoreba. O passado é como um sonho, uma mentira. Halina, às vezes, parecia louca.

Um grupo de estudantes passou perto da gente. A

professora falava sobre escravidão, café. Tudo que existiu naquele lugar. Ela era muito gorda, e era engraçado, as crianças tão miúdas perto daquela mulher enorme. Um enorme sofrimento. Sofrimento? Halina repetiu que sim. A escravidão. Disse que o bisavô materno dela chegou a trabalhar no comércio daquela região ainda no período do Império. Império? Cacete, quanto tempo.

O tempo parecia que ia virar. Ainda faltavam alguns takes dos seios magros. Do batom cor de sol. A modelo reclamava do vento. Uma chata. Pela primeira vez imaginei que seria bom virar senhor de fazenda e ter escravas obedientes. Vergonha, ter esse desejo. Vergonha ter certos desejos. Como o de roubar o lugar da Halina. Ter dinheiro. Amigos influentes, amantes bonitas. Família com passado aristocrático. Isso não era para mim. Aquele mundo de objetos, tantas vezes inúteis, me seduzia. No meu celular só mensagens de Alice. Ainda bem que ela não tinha sido escalada nesse job. Job, eu me enrolava todo no início da graduação para falar as expressões em inglês com naturalidade.

Demorei a ter firmeza nos takes, jobs. As modelos, namoradas, boas amigas como Halina, me ajudavam. Alice ficava espantada quando eu contava sobre o meu passado tão pobre. Poderia ter virado traficante como o irmão mais velho ou ser um idiota frustrado sem dinheiro como meu pai. Também poderia ser ridiculamente louco como mamãe. Só que tentei fazer tudo direito. Demorei um pouco mais a estudar, mas estudei. Faltava pouco, muito pouco. A Europa nos esperava. Devo ter falado em nós. Empolgado. Acontece, e Alice sempre jogava na minha cara. Ela tinha até procurado trabalho como maquiadora na Alemanha. Eu não poderia leva-la. Não queria. O que a Fabiane Melo iria falar?

Sim, Fabiane Melo. Aquele ensaio fotográfico em Buenos Aires. Maravilhoso. E o resultado? Convite para a Alemanha. Convite para o quarto da futura promessa brasileira nas passarelas do mundo. Dezenove anos. Seios bronzeados e olhos, que olhos. Dona do cabelo mais perfumado do mundo da moda. Louca por mim e me

esperando. Alice não se conformava. Mandava mensagem a cada meia hora. A foto no jornal entregou tudo. Eu não podia esperar mais. Halina se irritou com a demora do retoque do cabelo e dos cílios. Suspirou e disse o nome da Alice. Olhou para mim com um olhar severo. Não, eu não deveria.

Não deveria ter dormido com a colega de trabalho. Eu ri quando Halina falou isso. Logo ela. Deve ter dormido com pelo menos metade das profissionais que passaram pelo seu escritório. Ela disse que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Justo a Alice. Tão doce e instável. Tão insegura e deliciosamente frágil. Seria meu brinquedinho e atrapalharia a equipe no momento do término do romance. Como uma profecia, a previsão de Halina aconteceu da forma mais angustiante possível.

No início eram mensagens apaixonadas, depois ameacadoras. Agora tudo era desespero. Dizia que iria se matar. Se matar. Quem se mata por amor, hoje em dia? Muita gente. Muita gente, disse a Halina. No tempo do seu bisavô, a mulher de um militar teria se matado, por ali, por ciúmes de uma escrava. Isso foi no Império, Halina. Império. Muito tempo se passou. E quando passa, tudo acaba. Principalmente o amor, Alice. Ela não entendia. As mensagens não paravam.

A luz do sol morria lentamente no Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos. As sombras já cobriam parte da roupa da modelo. A vegetação cobria restos de uma cidade, vidas, amores assassinados pelo tempo.

A chuva tinha desistido de cair. Aparentemente, Alice tinha desistido de mandar mensagem. Fabiane, linda, toda linda, postou em uma rede social mais uma foto nossa em Angra dos Reis. A legenda era "Saudade do meu amor, falta pouco". Pouco, muito pouco. Antes de partir de vez, passei em um quiosque de lembrancinhas do parque. Oueria levar alguns presentes de despedida para os colegas do escritório. Um par de pássaros coloridos pousou pertinho de mim. Fotografei. Fabiane amava animais. Ia gostar de receber a foto. Meu post seria "Saudade da minha passarinha, falta pouco". Cafona, mas eficaz. Os fãs dela compartilharam

centenas de vezes.

Quatro dias depois. Nada de Alice. Nada de Alemanha. Halina estava ansiosa com o resultado final das fotos. Perfeito. A cor, minhas imagens, a modelo chata. Tudo maravilhoso. O cliente feliz. Ia fechar outras edições. O fotógrafo era namorado de Fabiane Melo. Entrei em meu email e quando tudo parecia perdido, lá estava a mensagem: convite formalizado. Alemanha. Breve, muito breve. Mês que vem? Como assim? Tão pouco tempo. Apesar do pavor de ficar sem mim, Halina estava orgulhosa.

As semanas passaram rápido. Pensei que seria mais fácil resolver tudo. Fabiane veio realizar um trabalho relâmpago em Curitiba. Telefonou mil vezes. Queria me ver. Não poderia esperar mais uma semana. Peguei o avião, turbulência e um pouco de gripe. Cheguei no finalzinho do comercial. Ela e Svetlana, modelo de carreira consolidada, sensação do leste europeu. Depois da gravação, cerca de doze horas para retornar à Europa. Queriam ir para alguma boate, show. Qualquer lugar para beber e dançar. Svetlana falava inglês enrolado. Fabiane ria e me agarrava o tempo todo. Elas cochichavam de vez em quando. Eu estava feliz. Mesmo a caminho de uma boate com duas garotas histéricas e condenado a ouvir música idiota o resto da noite. A produção providenciou uma limusine. Exigência de minha amada. Muitas bebidas dentro do carro. Algumas poses para as redes sociais. Barulho de mensagem no meu celular. Halina e as fotos de São João Marcos. Ela escreveu: "Batom, sol de São João Marcos e meu fotógrafo favorito. A capa é sua." O seio magro no antigo templo da escravidão. Último trabalho no Brasil Se tudo desse certo

Certo mesmo. As garotas davam gritinhos e viravam cada vez mais garrafas. Mais uma mensagem. Pensei que fosse Halina. Quando li não consegui esconder a irritação. Alice. Falava que estava na porta do meu apartamento. Tinha algo importante para conversar. Ignorei. Era tarde. Muito tarde. Eu gueria me divertir. Não via a hora de partir para a Alemanha. Ou para o leste europeu. Svetlana não fez cerimônia: começou a beijar Fabiane loucamente. Ela riu,

olhou para mim. Acho que queria aprovação. Quem sou eu para proibir alguém de algo? Depois da boate fomos para o hotel e a deusa russa foi compartilhada durante toda manhã.

Acordei sozinho e com uma grande dor de cabeca. Minhas tops já deviam estar no aeroporto. Fabiane deixou um bilhete amoroso, assinado como "sua passarinha" e Svetlana um sutiã com um sorriso desenhado com o batom do qual ela era garota propaganda. Poucas horas para resolver tudo no Rio. Meu celular quase descarregado e vinte e cinco mensagens de Alice. Quando cheguei em casa, o síndico me chamou. Disse que uma louca me procurou no prédio durante toda a madrugada. Falei para ele não esquentar a cabeça com isso. Eu iria embora em poucos dias. Em breve, ela esqueceria aquele endereço. Dormi feito pedra, ainda com o perfume de Fabiane e Svetlana. Despertei bem cedo. Quando cheguei ao escritório muitos sorrisos e um bolo de despedida.

Halina emoldurou minha capa de São João Marcos e me deu de presente. Consegui sentir saudade de tudo antes mesmo de partir. Bebemos e rimos um pouco. Organizei meus documentos. Coloquei alguns objetos dentro de caixas. Deixava muita coisa por lá, pois trabalhava durante muitas e muitas horas. O escritório era minha segunda casa. Durante algumas campanhas, meu lar completo. Até meu passaporte ficava guardado em uma de minhas gavetas. Eu gostava de olhar e me imaginar longe, bem longe.

Alice gostava de mim. Foi a primeira vez que pensei nisso. Deve ter sido a bebida, mas tudo estava um pouco diferente naquele lugar. Meus documentos tão bem organizados em cima de minha mesa. A foto da capa de São João Marcos. O batom. O batom diferente da maquiagem de Svetlana. Tinha mesmo a cor do sol. Do sol e de ruínas. Será que a escrava tinha chorado perto daquela ruína quando o militar foi embora? Não, as pessoas não se matam por amor, Halina. Talvez no tempo do Império. Decidi mandar uma mensagem para Alice: "Desculpa, você vai ficar bem."

Depois que apertei o botão só ouvi gritos e um barulho. O sangue caiu em cima da foto e sua cor triste embaçou o rosto, principalmente, a boca da modelo. Foi em sua própria boca o tiro que Alice deu depois de me acertar. Não teve tempo de ler minha mensagem. De nada. A bala atingiu meu braço. Meu passaporte permaneceu limpo.

"Nas Asas da Paixão." Essa era a manchete na revista de fofoca. Eu e Fabiane, a nova estrela da campanha publicitária de uma companhia aérea, fotografada pelo seu amor. Casamento marcado, depois de quatro anos morando juntos. Momentos dificeis deixados para trás. O amor vence tudo!

Retornei ao Brasil para fazer o ensaio de fotos da revista e ir ao enterro de Halina. Confesso que o segundo evento foi mais fácil. O jazigo da família de minha antiga mentora estava com aspecto abandonado. Era pomposo. Talvez brilhasse no tempo do Império. Agora era ruína, entre flores de plástico e insetos. Tons desbotados, tão diferentes de São João Marcos. O batom opaco, escolhido por Fabiane no funeral, virou uma febre de vendas. Svetlana até mandou um e-mail de agradecimento pela propaganda. A cor não era de sol. Era de solidão. Púrpura como a terra que abraçava uma antiga amiga.

Um portal para o passado. Mistério no parque.

Aloysio Clemente Maria Infante de Jesus Breves Beiler

O carro subia a escarpa da Serra do Piloto em direção a Rio Claro. Juca, o piloto, paulista de Ubatuba, visitava a região pela primeira vez. Seu destino era visitar um primo que recentemente se fixara num lugarejo próximo da cidade serrana. De janelas abertas aproveitava o frescor da tarde da sinuosa via margeada pela vegetação exuberante.

O céu escurecia rapidamente e o destino estava próximo. Sua intenção era, segundo a indicação recebida, passar por Rio Claro e chegar ao distrito onde ficava a casa de seu primo. Numa curva avistou uma grande placa: Parque Ambiental e Ecológico de São João Marcos. A curiosidade foi grande. Parou o carro, retornou e atravessou o portão.

A tempestade desabou raivosa. Juca não entendeu muito bem que tipo de estrada era aquela. Pedras irregulares, no meio de uma mata, e o carro avançando devagar. Talvez, conseguisse abrigo até passar a tormenta.

A vegetação densa balançava fortemente ao sabor da ventania, quando repentinamente uma árvore desabou partida por um raio, caindo em cima da lataria do veículo. O susto foi grande e o impacto fez com que Juca batesse a cabeça na lateral interna do carro. Foi um apagão momentâneo.

Recuperado, abriu a porta e o porta-malas, retirou uma capa de chuva de plástico vagabundo, uma lanterna e, debaixo do aguaceiro, resolveu caminhar para achar um abrigo. A coisa estava ficando perigosa, pensou ele.

A chuva continuava forte e a visibilidade era imprópria para caminhar. A lanterna iluminava pouco e Juca seguiu em frente. Caminhou bastante. A chuva diminuiu e depois de quarenta minutos ele avistou uma grande casa que aparecia e desaparecia ao longe, iluminada por relâmpagos.

Agradeceu aos céus o achado e apertou o passo. Uma velha porteira e uma cerca caindo identificavam o abandono da propriedade. Atravessou o mato alto e chegou a uma pequena escada que dava para uma grande porta do prédio. Iluminou com a lanterna e viu que a casa era mesmo majestosa. Bateu à porta e nada ouviu. Bateu de novo e ouviu passos. Sentiu um arrepio, mas o paulista não era medroso, apesar da pouca idade.

Um filete de luz amarelada iluminava o chão. O que ele viu foi, no mínimo, inusitado: um senhor de barbas grisalhas, sem bigodes, alto e magro, com um candeeiro na mão.

- Boa noite, disse Juca. Meu carro quebrou na estrada do parque.
 - -Boa noite, respondeu o velho. O Sr. disse "parque?"
 - Sim, respondeu. Parque ambiental.
 - -Ah, bom! Disse o velho.
 - Entre, por favor, pediu o ancião.

A luz do candeeiro iluminou o salão. O velho acendeu mais seis velas de um castiçal colocado em cima de uma cômoda. Juca, enfim, viu o interior da casa. E o que ele viu deixou-o maravilhado: piso de mármore onde se destacava uma rosácea, no hall principal; teto de estuque e arabescos; um palácio em plena mata.

Intrigante, mesmo, era a figura que estava diante dele. Um velho vestido com uma roupa estranha: calças pretas e paletó da mesma cor, emoldurados por uma gravata plastrom, e um olhar muito vivo.

- −O Sr. quer passar a noite aqui? − Perguntou o velho.
- Se for possível, pretendo. Meu carro quebrou na estrada e não conheço bem a região. Estou indo visitar um amigo na fazenda da Grama, em Passa Três. Gosto de aventuras e resolvi pegar a estrada de Mangaratiba até aqui. Não esperava essa chuva toda.
- Ah, bom! Façamos o seguinte. Eu lhe faço companhia e de manhã arrumamos o seu carro.
 - -A propriedade é sua? Perguntou Juca.
- Sim, pertenceu à minha família. Hoje eu apenas tomo conta. A história dela é fantástica. O dono chegou a possuir milhares de escravos e quase cem propriedades. A Grama, à qual o senhor se refere, foi sua casa principal.

Aliás, não nos apresentamos.

- Meu nome é José.
- −O meu é Juca.
- Muito bem disse o velho. Como estava dizendo, a Grama foi a residência principal desse potentado do café. Mas, conversaremos no jantar. Vou leva-lo até um quarto, aqui mesmo no piso térreo, para se trocar e vestir algo seco.

Juca seguiu o velho. Atravessaram outra sala de grandes proporções e entraram num comprido corredor. Numa das portas, o velho abriu, e o cômodo estava mobiliado.

- Vou deixá-lo e já retorno.

O paulista abriu um armário e achou uma camisa. O modelo era antigo, mas era o que se tinha para vestir.

Mais arrumado, seguiu pelo corredor e chegou à segunda sala, que agora, mais iluminada, estava com a metade da mesa arrumada para duas pessoas. O velho estava esperando.

- Sr. Juca, por favor, sente-se aqui! - Indicou o lugar. Abriu a sopeira e ambos tomaram a frugal refeição.

Retornaram a conversa interrompida:

- Esta casa disse o velho foi palco de inúmeros acontecimentos políticos, de sérias rusgas familiares, e o destino dela foi o pior possível. Saiba o senhor que o genro do proprietário, um conde italiano, fez o projeto. Trata-se de uma cópia de seu palácio em Brescia, na Itália. A casa ficou inacabada, e os proprietários nunca residiram aqui. Quando as águas sobem, a casa costuma ficar alagada.
- Este rico fazendeiro foi o mais influente personagem na região de São João Marcos. Produziu toneladas de café, e a estrada que o senhor passou foi aberta para escoar sua enorme produção.

Juca ouviu o relato boquiaberto. Não entendeu o alagamento da casa relatado pelo velho. Não conhecia a história, portanto, ficou calado.

Terminada a refeição, o velho disse que ia se retirar e ambos caminharam pelo corredor. Juca entrou no quarto. Deitou-se e dormiu.

Acordou sobressaltado durante a noite ouvindo barulhos: portas e janelas batendo e correntes que se arrastavam. Uma música antiga ecoou pelo salão. Conversas e risadas típicas de uma festa.

Olhos arregalados, não se atreveu a dar as caras no corredor novamente, ou caminhar até a sala.

- O cansaço derrubou-o. Acordou encharcado, molhado de suor, com uma pessoa de uniforme à sua frente, que perguntava:
- Como o Sr. entrou aqui? Dormiu aqui? Aquele carro parado na estrada é seu?

Olhou à sua volta e gritou:

−O quê está acontecendo?

As pessoas cochichavam e riam da história que ele contava. Ele olhou em redor e finalmente se deu conta de que algo estranho acontecera. Os funcionários afirmavam que ele tivera um sonho ruim. Um café foi servido e enquanto ele sorvia o líquido quente, observava ao redor a bela região do parque ambiental. Mas o pensamento estava no sonho.

Agradeceu a atenção de todos e caminhou até o carro, que não estava muito longe, conforme ele pensara.

O veículo estava perfeito. Sem batidas, sem árvore caída. Chave na ignição, e o carro funcionou normalmente.

Partiu rumo ao seu destino inicial. Passou por Rio Claro e chegou ao distrito de Fazenda da Grama. Facilmente localizou a casa do primo, no altiplano, ao lado do casarão da antiga fazenda, onde ficavam as tulhas e alguns depósitos.

- O primo já o esperava na varanda. Após os cumprimentos, ele relatou o ocorrido. O primo caiu em gargalhadas e disse:
- Estas histórias são muito comuns por aqui. Fantasmas, escravos que aparecem, correntes arrastadas, etc. Aqui mesmo do lado, no casarão da Grama, é muito comum este folclore. Se você quiser, podemos entrar na casa. Conheço o zelador.

Juca dispensou o convite. Dormiu na casa do primo e no dia seguinte, após o café, retornou para Ubatuba. Desta vez, sem paradas.

Lá chegando, resolveu pesquisar um pouco mais sobre a história da região. Afinal, fora vítima de um sonho,

catarse, visage, ou seja lá o nome que quiserem dar.

Saiu correndo de seu quarto gritando, chamando seu pai, já ciente da história, para ver o que ele havia encontrado.

Na tela do computador estava a imagem do homem que ele vira, ou sonhara. O retrato do "rei do café", o comendador Joaquim José de Souza Breves, vestido de terno preto, gravata e barba passa-piolho. Verdade é que bem mais jovem, mas, sem sombra de dúvidas, foi o velho que o recebeu na porta da fazenda Santo Antônio da Olaria.

Juca retornara ao passado e, quanto mais lia sobre os Breves, mais apavorado ficava. Descobriu a fantástica história do capitão-mor José de Souza Breves, pai do velho que o recebera em São João Marcos. O capitão-mor foi enterrado sentado em sua cadeira, vestido com a farda de dragão imperial, porque esperou um pintor chegar da Corte.

Macabro? Um pouco. Ficcão? Também. Realidade? Sim. Mistério? O Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, os Breves. A história local está recheada deles.



Jurados do Concurso Literário Contos de São João Marcos

Amanda Mariano

Biblioteca Comunitária Solano Trindade

Carla Méri Santos da Silva

Polo Baixada Literária

Marcelle Vieira Braga

Projeto Paralelo Comunicação

Maria Luiza Oliveira

Biblioteca Comunitária Tobias Barreto

Renata Silveira da Costa

Secretaria de estado de Cultura Gabinete de Superintendência da Leitura e do Conhecimento

Roberta Abreu

Editora Cidade Viva

Rodrigo Elias Caetano Gomes

Revista História da Biblioteca Nacional

Ronaldo Lupi

Secretaria de Educação de Rio Claro

Suzele Andrade

Polo Baixada Literária

Zeca Barros

Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos

Com o objetivo de estimular a leitura e a imaginação, o Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, em parceira com a Editora Cidade Viva, promoveu em 2014 o concurso literário Contos de São João Marcos.

A participação foi aberta a todos os escritores residentes no estado do Rio de Janeiro e a única exigência era que seus contos tivessem São João Marcos como cenário, seja no passado, quando ainda era cidade, seja no presente, onde agora se situa o Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos.

A comissão julgadora contou com representantes de bibliotecas comunitárias, imprensa, secretaria de Educação do município de Rio Claro e secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, e os dez contos vencedores foram publicados nesta coletânea. São eles: O ouro perdido, Arqueologia da alma, A verdade não tem fim, Sede, Sobre batons e ruínas, Linha tracejada, Os deuses invadem a terra, Um portal para o passado: mistério no parque, Ruínas das águas e Eu odeio Getúlio.

São contos nos mais variados estilos, que envolvem, emocionam e guiam a imaginação do leitor através das ruas, paisagens e personagens de São João Marcos.





















Patrocínio

